Cinearte

ANNO V N. 238
BRASIL, RIO DE JANEIRO, 17 DE SETEMBRO DE 1930
Preço para todo o Brasil 1$000

Dolores Del Rio

"Beau Ideal", do mesmo autor de "Beau Geste", será feito pela R. K. O. e terá Herbert Brenon no principal papel.

* * *

Estelle Taylor figurará em "Cimarron", ao lado de Richard Dix, para a R.K.O.

* * *

"Lilli", da United Artists, dirigido por George Fitzmaurice, terá John Boles e Evelyn Laye nos principaes papeis.

* * *

"Three French Girls", da M. G. M., dirigido por Harry Beaumont, terá Fifi Dorsay e Reginald Denny nos principaes papeis.

* * *

"Scotland Yard", da Fox, será dirigido por William K. Howard e terá Edmund Lowe e Jean Bennett, nos principaes papeis.

* * *

Os bailados de "Sunny", o novo film de Marilyn Miller, serão ensaiados pelo conhecido Theodore Kosloff, que, com De Mille, tantos films fez.

Novidades

Uma nova sensação no Cinema!
UMA NOITE DE "CABARET"
COM AS ESTRELLAS DA
PARAMOUNT
PARAMOUNT EM GRANDE GALA
Em franco exito no
Capitolio
Paramount Pictures

CHARLES ROGERS E MARY BRIAN

EM uma entrevista do grande violonista patricio Nicolino Milano publicada pelo "Jornal do Brasil", encontramos uma noticia na verdade bastante curiosa: a de haver o governo Carmona, por decreto, prohibido expressamente em Portugal a exhibição de films sonoros em lingua portugueza a não ser os feitos lá mesmo, os realizados dentro das fronteiras do paiz.

Portugal representa na verdade até hoje factor bem pouco ponderavel na balança de nossa economia, tão insignificante é a quantidade de productos brasileiros lá consumidos, para lá exportados.

Quer nos parecer entretanto que desse decreto deveria constar uma clausula exceptuando os films feitos no Brasil.

Poder-se-á allegar que o Brasil não é paiz productor de films.

Isso porém não é argumento por isso que Portugal tambem não o é, ou antes em ambos os paizes a industria cinematographica ensaia apenas os primeiros passos.

E mais natural será que ella aqui adquira muito maior desenvolvimento do que lá porquanto o nosso mercado é cerca de 7 vezes maior do que o portuguez, dadas as populações de um e outro paiz, o numero de povoações de certa importancia e o numero de salas de projecção. Tanto assim é, que as realizações cinematographicas portuguezas procuram sempre os nossos mercados e se não conquistal-o deve-se isso á sua insignificante quantidade e má confecção, raros sendo os dignos de alguma attenção.

Que films brasileiros hajam sido levados a Portugal é cousa que não sabemos. Elles acham ainda tantos embaraços aqui mesmo, tanta resistencia por parte dos interessados em que a industria nacional do film não se desenvolva, que tempo não sobra ao productor para procurar mercados outros.

Isso não é razão, porém, para que se veja desde logo prohibido de entrar no mercado portuguez desde que lhe seja accrescentado o som.

Seria o mesmo que prohibir, por exemplo, em Portugal a historia de livros em portuguez que não fossem editados por prelos lusitanos.

O caso não tem para nós, por emquanto, grande alcance pratico. Julgamos, entretanto, de nosso dever, levantar um protesto contra essa medida que representa um acto de hostilidade ao Brasil. Sabemos ou presumimos que esse acto do governo portuguez foi tomado para evitar a entrada de films ditos portuguezes, elaborados em Paris. Pensamos, entretanto, que uma restricção deveria ser incluida na prohibição feita desde que se tratasse de films produzidos no Brasil.

Isso é que seria justo, para não autorizar providencias identicas por nossa parte.

A discussão na Camara dos Deputados, sobre o projecto que altera os dispositivos do Codigo Civil referentes aos direitos autoraes, continúa a ser feita sem despertar o menor interesse.

O projecto, Pessoa de Queiroz, deputado que se arvorou em autoridade na materia, por consagração propria, está inçado de defeitos e deficiencias.

Hade se fazer lei, no entanto, tal a displicencia com que os nossos legisladores encaram semelhante materia.

Aguardemos o frio.

O ex-deputado Macedo Soares pelo seu jornal fez graves accusações ao Conselho Municipal, dizendo que, periodicamente, sempre que se trata de discutir materia orçamentaria municipal, um dos impostos que soffrem sempre augmento é aquelle que incide sobre os cinemas; mas, accrescenta, logo os interessados se movem, fazem uma bolsa commum, juntam algumas duzias de contos de réis e com o peso desses argumentos acabam convencendo os intendentes de que devem manter o "statu quo".

Não sabemos o que ha de verdade nessa affirmativa que corre sob a responsabilidade daquelle jornalista.

Mas isso foi publicado e até aqui não soffreu contestação. Por essas e outras é que o "Zé Pagante" sempre descrê da crise que allegam os proprietarios de cinemas sempre que se trata de augmentar os preços de entrada nos salões de exhibição.

Se os ovos não fossem de ouro não sobraria gemma para a voracidade legislativa do Municipio.

Cinema Brasileiro

A proxima producção da *Spia*, segundo já se annuncia, será *Gente Moderna*.

——oOo——

Luiz Maranhão já deve ter terminado o seu film *No Scenario da Vida*. A producção, segundo se sabe, tem a interpretação de Mazyl Jurema, Claudio Celso, Nita Palmer, Severino Coelho, Alfredo Coelho, Anna Ferry, Luiz Marques, Fred Junior, J. Pinto, Rosa Maria e outros. Houve uma scena, no film, que reunia grande numero de extras, a qual Luiz Maranhão incumbiu, gentilmente, J. Soares de dirigir.

——oOo——

Humberto Mauro acaba de concluir *Labios sem Beijos*, seu primeiro film feito no Rio de Janeiro, para uma Companhia differente. Agora que o film está prompto e cujo *rushes* já têm sido apreciados, pode-se dizer, com segurança, que Humberto Mauro é daquelles que progridem, de trabalho para trabalho e avançam, de film para film. Começando apenas por intuição, hoje, sem duvida, elle conhece profundamente o seu officio e, como principal base do seu successo, colloca a enorme admiração que consagra ao Cinema Brasileiro.

Um aspecto apanhado durante uma das filmagens de "Labios sem Beijos", vendo-se, em primeiro plano, dirigindo a scena, Humberto Mauro e, ao seu lado, Maximo Serrano. Ao fundo, Didi Viana e Augusta Guimarães.

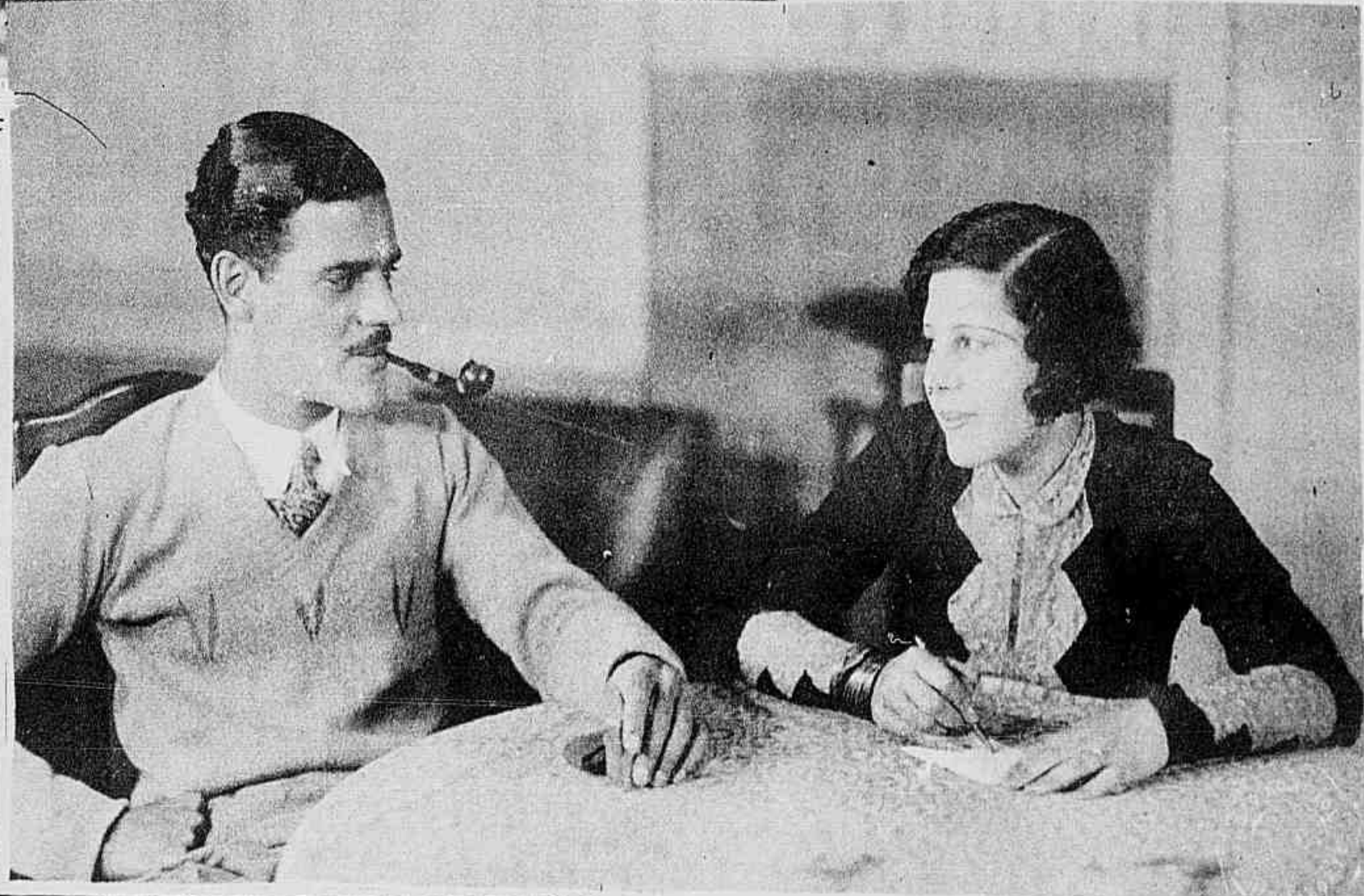
Este film vae revelar um novo Humberto Mauro. Dentro de uma historia completamente diversa de quantas até hoje já filmou e empregando ambientes do mais requintado gosto. Alem disso, a constante actividade delle, empregando todas as suas attenções unicamente pelo Cinema Brasileiro, que é o seu sustento, prova, de sobra, o grão de progresso do nosso Cinema que, assim, já consegue manter, ás suas expensas, technicos como Humberto Mauro que, ha cinco annos, mais ou menos, nada mais tem feito do que dirigir films Brasileiros.

O seu segundo film, para a *Cinédia*, como foi annunciado, será *Dansa das Chammas* e reunirá, no seu elenco, Lelita Rosa, Pedro Fantol e mais um grupo de artistas novos para o Cinema Brasileiro e, tambem, futuras esperanças do mesmo. Augusta Leal, que, em *Sangue Mineiro*, desempenhou tão a contento o seu papel de mãe bondosa e Brasileira na extenção da palavra, provavelmente terá um dos principaes papeis tambem. Operará o film, segundo todas as probabilidades, Paulo Morano, que, como galã de *Labios sem Beijos*, tanto successo alcançou. Apesar disso, elle não se afastará da téla, tambem e quando houver um papel que requeira a sua personalidade, de novo o teremos em acção.

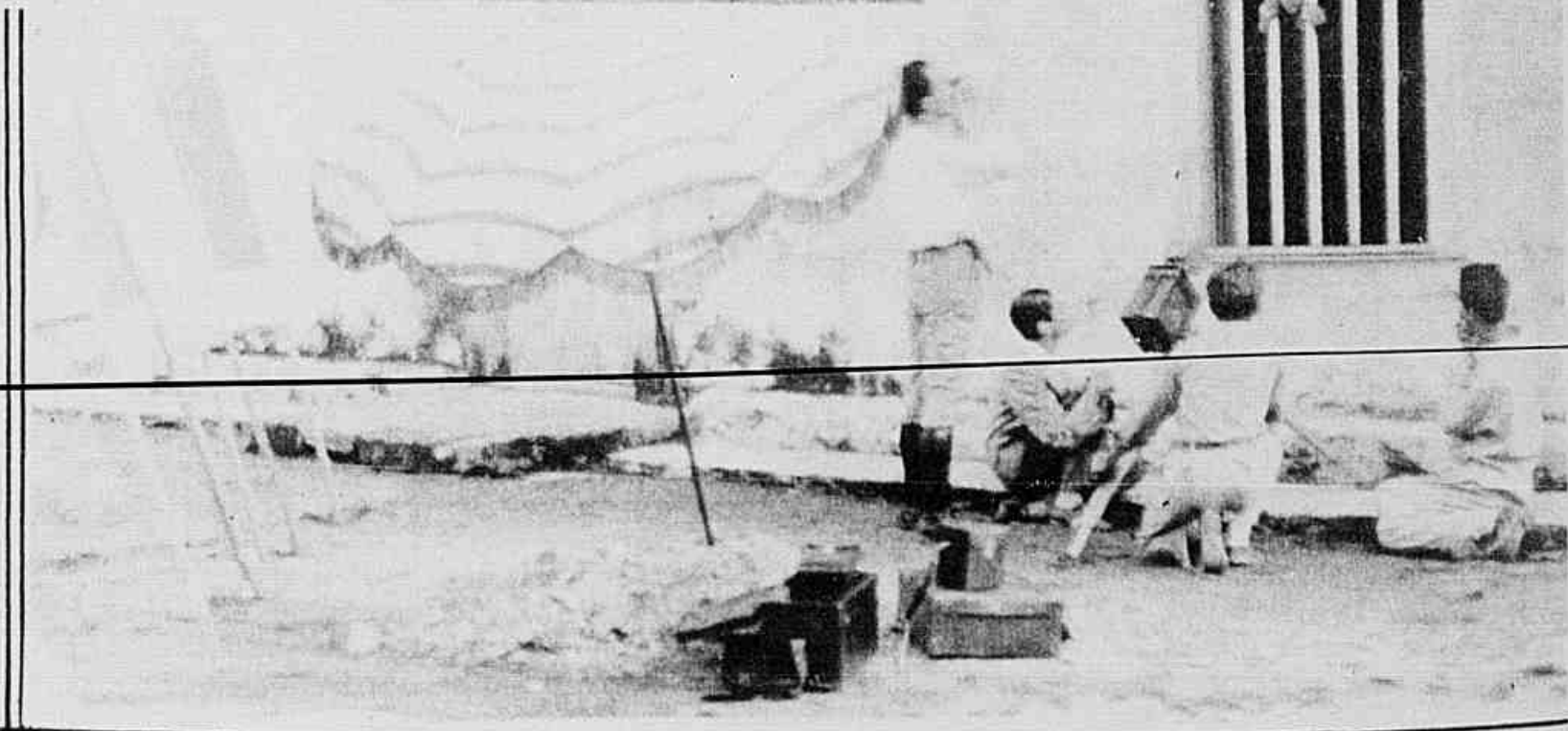
* * * Hobart Henley vae dirigir um film para a First National e Pat O' Malley será um dos seus principaes interpretes.

A Sociedade de Films Artisticos Yara, de Bello Horizonte, tem quasi terminada a confecção do seu primeiro film, *Tormenta*. Isto é, falta-lhe, para ser completado o trabalho, apenas ser copiado o negativo do film que está todo prompto.

Espera, a *Yara*, lançar o film por todo mez de Outubro. O argumento e a direcção do film, são de Arthur Serra e os trabalhos de *camera* foram entregues aos cuidados de Igino Bonfioli. Do elenco fazem parte, entre outros, Alda Rios, a estrella, Alvaro Santelmo, o galã e, ainda, Victorio Nunes, Carlos Neron, Carlos Silva e Waldy Braga.

Com este film da *Yara*, a cidade de Bello Horizonte já nos promette dois films, para este anno. Devendo o trabalho da *Bello Horizonte Film*, como este, tambem ser concluido por todo este mez.

Alda Rios e Alvaro Santelmo, da Yara Film, de Bello Horizonte, numa scena do film "Tormenta"

——oOo——

Para principios de Outubro, noticiase finalmente a exhibição do mesmo que, no seu elenco, reune, entre outros, Almery Steves, Rosa Maria, Ary Severo e outros. Para seu lançamento, a *Spia* preparou, ainda, um complemento em um acto, igualmente dirigido por Ary Severo e tendo, no elenco, os artistas de *Destino das Rosas*, e ainda, Marcos Alberto.

Mario Peixoto dirigindo uma das scenas de "Limite".

Cleo de Verberena, a primeira directora de films Brasileiros. O seu primeiro trabalho é "O Mysterio do Dominó Preto", do qual é, ainda, a principal interprete.

MANSLAUGHTER (Paramount) — Esta versão falada de "Homicidio", que, ha annos, Cecil B. De Mille fez, silencioso, é, innegavelmente, superior á primeira. (Aqui entre nós: — melhor porque é falado, é?...) Guardadas as devidas proporções, os trabalhos de Frederic March e Claudette Colbert são superiores aos de Thomas Meighan e Leatrice Joy, da versão original. E, em todo o seu desenrolar, elle é, mesmo, dynamico e admiravel. Será um film que vos emocionará e vos conservará attentos, todos os segundos, até á ultima scena.

OUR BLUSHING BRIDES (M G M) — Você vae gostar deste film! Tem humor, sentimento, montagens que são deslumbramentos e uma parada de modas que porá por terra todas quantas até hoje se fizeram... Este film, nas aventuras amorosas de Joan Crawford, Anita Page e Dorothy Sebastian, tem o numero 3. Mas nenhuma dellas, afinal, é "garota" demasiadamente "moderna" ou "donzella" excessivamente de "hoje". São bôazinhas, afinal de contas... O trabalho de Joan Crawford é notavel e Anita Page, em todo seu papel, algo tragico, aliás, tambem está admiravel. Dorothy Sebastian, bem, como sempre. Robert Montgomery, Raymond Hackett e John Miljean, apparecem. Montgomery é o melhor delles. Successo de bilheteria, sem duvida.

THE DAWN PATROL (First National) — Já tivemos uma infidade de films de guerra e outra tanta de films de aviação. Para que algum delles seja melhor do que o outro, é preciso, realmente, que a cousa seja fóra do commum, mesmo. Apesar disso tudo, este film de Richard Barthelmess é um dos bons films do mez e qualquer um o póde assistir, sem susto. E' um assumpto forte, bem dirigido e impressionante, em certos trechos. Tem qualquer cousa de *Journey's End*,. No elenco não existe uma só mulher! O final é infeliz e extremamente dramatico. O trabalho de Barthelmess, sem duvida, é admiravel. Depois de *David, o Caçula* e *Lyrio Partido*, mesmo, confessamos que é o seu melhor trabalho. Se não fosse isso, Douglas Fairbanks Jr. teria roubado o film delle. Neil Hamilton e Clyde Cook, apparecem. Photographicamente falando, o film é formidavel. Quer em apanhados aereos ou terrestres.

OLD ENGLISH (Warner Bros.) — Um film que você nunca esquecerá e um trabalho, de George Arliss, que marcará época no Cinema. A peça de Galsworthy, como film, está muito bem. E', mesmo, melhor do que "Disraeli". Arliss, como o patriarchal "Old English", vae admiravelmente e representa com uma verdade rarissima, nestas épocas. Betty Lawford, Ivan Simpson e Doris Lloyd, tomam os demais papeis, mais ou menos bem. Não o devem perder, porque, sem duvida, é um dos grandes films do anno.

ON YOUR BACK (Fox) — Na sua carreira nova, nos films falados, Irene Rich encontra, neste film, o seu maior papel. E, durante todo elle, mantem-se admiravel e irreprehensivel. Ella faz o papel de uma modista ambiciosa que, de nada, passase para uma loja na aristocratica Quinta Avenida. Historia, aliás, baseada na vida de uma modistá de New York, mesmo, que gosa fama internacional. As scenas que se passam no "salon" de "Julian", admiraveis, inclusive o desfile de figurinos vivos. Raymond Hackett, faz o papel de "filhinho querido" Marion Schilling offerece o resto do elemento amoroso. H. B. Warner, tem um bom papel. Mas Irene Rich é dona do film todo e sómente o seu papel é realmente digno de nota. Vejam sem susto.

RAFFLES (United Artists) — Ronald Colman faz o papel do larapio elegante, distincto e educadissimo. Elle é "Raffles" e o faz com rara perfeição. Mesmo roubando, elle é admiravel! Na historia, justamente quando está para se reformar, por amor a Kay Francis, é forçado a roubar as joias de Lady Melrose, para auxiliar um amigo que necessitava urgentemente de mil libras. E' logico que, neste "trabalhinho" feito por camaradagem e dedicação, elle é preso. Mas foge da prisão e, para o estrangeiro corre para viver uma nova vida, feliz... (ao lado de Kay Francis é logico, sim senhor!...) George Fitzmaurice terminou a direcção que Harry D'Arrast iniciou. O trabalho de ambos é fino. Ronald Colman é admiravel e Kay Francis o auxilia bastante. Um film falado que tem acção em quantidade!

Monte Blue e Lila Lee em "Those Who Dance".

Al Jolson, em "Big Boy".

Ramon Novarro e Dorothy Jordan, em "The Singer of Seville".

THE SINGER OF SEVILLE — M G M) — A fama de Ramon Novarro, nos films falados, será augmentada de 100 por cento com este film. Trata-se de uma historia feita sob medida para o seu talento de artista e de cantor. No papel de um endiabrado cantor de Sevilha, guiado indifferentemente para uma carreira na opera, Ramon sáe-se ás mil maravilhas e apresenta-se admiravel, como sempre. Dorothy Jordan o secunda, mais uma vez, admiravelmente. Antes de ter cahido doente, Renée Adorée tomou parte neste film. Um film que ninguem deve perder. A direcção de Charles J. Brabin, muito bôa.

Ruth Roland e Kenneth Thompson em "Reno"

THE LITTLE ACCIDENT (Universal)—Um film tirado de uma peça que era um successo de gargalhadas. Douglas Fairbanks Jr., nelle, tem o melhor papel de sua carreira e Anita Page o secunda admiravelmente. Henry Armetta, Slim Summerville e Roscoe Kearns fornecem bôa comedia. Vale a pena, esta farça.

Betty Compson e Ralph Forbes em "Inside the Lines"

ESTRÉAS

Clara Bow e Claud King em "Love Among Millionaires".

LAWFUL LARCENY (R K O) — Misturando lagrimas e aventuras, Bebe Daniels e Lowell Sherman conduzem o film é um fim satisfatorio: divertir o publico. Você achará o film esplendido! Bebe Daniels não canta, não. Mas representa como gente grande... Lowell Sherman, dirigindo e fazendo o papel de villão, agrada em ambas as funcções. Podem ver.

FOLLOW THRU (Paramount) — Uma das melhores comedias musicadas sob assumptos de golf que o theatro já teve, no Cinema falado, finalmente. Um film interessante e agradavel, diga-se de passagem. Charles Rogers, Nancy Carroll, Jack Haley e Zelma O'Neal, divertem bastante. Todo em Technicolor e um bom passa tempo.

Paulino Starke e Robert Ellis em "What Men Want".

MAN TROUBLE (Fox) — Mais uma historia de "underworld". O sacrificio de um chefe de "gang", por uma pequena. E esta, ao contrario do que se possa pensar, não o recompensa com amor, não. Ao contrario: ama um jornalista moço... Um film cheio de aventuras e, quasi todas ellas, realmente interessantes. Milton Sills, como chefe da "gang", está simplesmente sensacional e Dorothy Mackaill o auxilia admiravelmente. Suas são as segundas honras do film.

SWEET HEARTS AND WIWES (First National) — O melhor film falado que Billie Dove fez, até hoje. Uma pequena farça, com mysterio em grande dóse, que diverte e agrada. Billie, sempre bonita e trabalhando bem, agrada em cheio, Clive Brook, admiravel, como sempre. Leila Hyams e Sidney Blackmer, bons. Bom film, sob qualquer aspecto.

SHOOTING STRAIGHT (R K O) — O film melhor que Richard Dix, nesses ultimos tempos. Comedia e drama no "underworld", mais uma vez. Cheio de enthusiasmo, humor e aventuras. Richard Dix faz o papel de um joven assassino de New York, que, fugindo á policia, vae ter á uma pequena aldeia, aonde, por engano, é tomado por um virtuozissimo pastor reformista. Elle se incumbe de livrar a Cidade de todos os seus máos homens e o faz com uma grande comicidade! Mary Lawlor é a heroina. George Cooper, como companheiro de aventuras de Dix, estupendo.

ON THE MARK (Fox) — A eterna formula de Victor Mac Laglen: uma noiva em cada canto! O seu desempenho é commum e o film é commum, tambem. Mona Maris, está admiravel, simplesmente. Humphrey Boagar, bem.

SCARLET PAGE (First National) — Scenas de julgamentos, ainda que marquem a volta de Elsie Ferguson, ao Cinema, não deixam de ser cacetes; não é? A maneira de Elsie Ferguson representar é que é admiravel. E, por isso, supporta-se o film todo; perfeitamente. Mariam Nixon tem um bom papel. Ha bastante humor espalhado pelo film todo.

FOR THE DEFENSE (Paramount) — Film typicamente de William Powell. Mas um bom film, apesar de tudo! Bill, desta vez, não é detective e nem ladrão: é um advogado criminalogista! Tudo para elle vae bem, até o instante em que o amor entra pelos seus negocios a dentro. Ahi elle se muda para Sing Sing... Kay Francis, admiravel, como sempre. Vale a pena assistir.

BROKEN DISHES (First National) — Situações humoristicas, umas após as outras, neste film. Uma divertidissima comedia do mestica, portanto. Bem representada e bem dirigida, tambem. Loretta Young, augmenta o interesse do film. Grant Withers é um galã passavel, apenas. Emma Dunn e O. P. Heggie, esplendidamente.

George Arliss em "Old English".

COMMON CLAY (Fox) — A velha peça theatral, aqui, torna-se um film realmente dramatico e interessante. Mas... Dá a exacta impressão de se estar dentro de um theatro... O desempenho de Constance Bennett é por demais artificial para agradar e, parece, communicou-se esse vicio ao restante do elenco. Lew Ayres, no emtanto, vae bem. Beryl Mercer e Tully Marshall, apparecem. A historia é genero "Ré Mysteriosa" e tem "hokum" em dóses bem grandes.

Frederic March e Claudette Colbert numa scena de "Manslaughter".

PARDON MY GUN (Pathé) — Uma comediazinha de "far west", com real comedia e grande agrado. Sally Starr e George Durye formam o par. Mona Ray fornece a comedia. Vejam.

LOVE AMONG THE MILLIONAIRES (Paramount) — Haverá mais alguma cousa que possam fazer para afastar definitivamente Clara Bow do Cinema? Coitadinha! Que historia elles andam arranjando para ella! Os seus peccados particulares nada têm a ver, afinal, com seus films, não acham? Uma pequena pobre que se apaixona pelo filho do presidente da Companhia ferroviaria... E' preciso que dêm cousas melhores á ella, se não a quizerem, liquidar, de vez!

BIG BOY (Warner Bros.) — Uma comedia, do principio ao fim, Al Jolson, sua caracterização de preto e suas canções. Ha piadas novas e velhas e situações novas e velhas. Vejam se quizerem. Films de Al Jolson não se aconselham á ninguem...

THE LAST OF THE DUANES (Fox) — Um bom passa tempo, apesar de ser um film de "cow boys". George O'Brien domina o film todo com sua musculatura admiravel e seu desempenho sincero. Podem ver, que não se vão aborrecer.

TEMPTATION (Columbia) — Um bom film. Nada tendo de pretencioso e, ao contrario, tudo fazendo, apenas

(*Termina no fim do numero*)

Ronald Colman e Kay Francis em "Raffles".

AMOR de ATHLETA

(BURNING UP) — *Film da Paramount*

RICHARD ARLEN . . . . *Lou Larrigan*
Mary Brian . . . .*Ruth Morgan*
Francis Mac Donald . . . . . .*"Bullet" Mc Ghan*
Sam Hardy . . . .*"Windy" Wallace*
Charles Sellon . . . .*James R. Morgan*
Tully Marshall . . . .*Dave Gentry.*

Director: — *EDWARD SUTHERLAND*

A maior ambição, de Lou Larrigan era conduzir os automoveis de Dave Gentry nas grandes corridas.

O companheiro de Lou, é Mc Ghan, um ex-corredor de renome, afastado das lidas, por ter sido victima de um accidente, quando de uma das grandes corridas em que tomára parte.

Mas... Os planos de Lou não iam dar muito certo. Gentry fallira e, de pouco escrupulo, como era, acceita, com Mc Ghan, uma proposta pouco seria de Wallace, um trapaceiro, para perturbar a bôa ordem de uma corrida que se ia realizar. Ahi é que Gentry se lança á luta. Sabendo perfeitamente, que Lou não póde ser um perito conductor de carros de corrida, porque lhe falta a sufficiente pratica, Gentry o annuncia, furiosamente, como o maior vulto das pistas mundiaes e, assim, consegue attrahir a attenção de todos os demais corredores das cercanias que, assim estimulados, tambem se inscrevem para a grande corrida.

Numa das noites de maior agitação, naquella campanha deshonesta que Wallace estava levando avante, Lou conhece os olhos romanticos de Ruth Morgan, a filha de James Morgan, o banqueiro da localidade.

— Porque é que você é tão linda?
— Não sei...
— Porque é que você é tão meiga?
— Não sei...
— Seus cabellos e seus labios têm um perfume tão gostoso... Porque?
— Não sei...

E ella, todinha, vexava-se com aquellas perguntas apparentemente indiscretas mas tão suaves, realmente, que lhe fazia, ardoroso, Lou Larrigan...

Depois, quando elle lhe perguntou se ella o amava... Houve uma pausa. Ella ia responder "não sei"... Quando os labios delle, rapidos, sellaram os della num terno beijo, mais prolongado do que um idyllio velho de Romeu e Julietta...

Ella não disse que "não" e nem que "sim". Fingiu - se amuada, só para que elle lhe pedisse desculpas e ella o perdoasse. Depois, quando se beijaram, outra vez; papae James viu tudo. Approximou-se, encabulando seriamente a ambos.

— Vamos lá! Então... O senhor beijando assim minha filha...

Ella relutou. Depois disse, num impeto.

— Meu pae! Eu o amo. Consente?...

Elle se calou. Sorriu. Quem cala e sorri, ainda por cima, consente, não é, não?...

Mc Ghan, de accordo com Gentry, inicia seu plano. Começa a conduzir, ostensivamente, pelas estradas livres da localidade, o seu carro de corridas, fazendo provocações a Lou. Até que este, exasperado, acceita a corrida e, enthusiasmado, nem chega a perceber a natureza dos planos e das trahições que lhe estão reservadas para mais tarde.

Chega Wallace á villa, affectando nada saber do assumpto e, num golpe de audacia, finge que aposta grande somma em Lou.

Aquillo logicamente, dada a fama de Wallace, como conhecedor de corridas, faz com que todos apostem em Lou, igualmente. E, emquanto Mc Ghan prepara o seu carro e inutiliza, quasi, o de Lou, vae elle, sob o nome de Gentry; apostando immensas sommas em Mc Ghan e no seu possante carro.

Tudo assentado, com Lou nada percebendo, ainda, dos planos; chega a vespera da grande corrida.

Lou, ao lado de Ruth, passa uma de suas noites de romance e poesia.

Já se haviam beijado. Já haviam feito planos para o futuro, depois da corrida. Lou contava-lhe tudo da confiança immensa que tinha em si proprio e ella, com caricias, mais o animava á luta e a victoria, tambem.

Foi ahi que o futuro sogro o procurou.

— Lou, quero avisar você de uma cousa. Apostei 25 mil dollares em você! Você precisa ganhar, para que eu não fique em situação financeira critica! E' um golpe que dou. Não peço por mim, Lou, peço por Ruth. Você promette que fará o possivel?

Aquella phrase do pae de sua querida Ruth, o põe pensativo. A' sahida, depois de novos beijos, promessas e caricias, elle vae pensativo e serio, apenas pensando no quanto lhe disséra James Morgan.

E, depois de alguns instantes de reflexão, chega á reflexão subita de que tudo aquillo nada mais

(*Termina no fim do numero*)

Sally Starr... Um pouco de Janet Gaynor. Outro pouco de Clara Bow... Mas... E' do Cinema falado, sim senhôr...

A TELA EM REVISTA

PALACIO-THEATRO

AMOR DE ZINGARO — (The Rogue Song) — M. G. M. — Producção de 1930.

A historia, baseada na operetta de Lehar, Wilner e Bodansky, *Amor de Zingaro*, foi dirigida por Lionel Barrymore e tem scenario de France Marion e John Colton.

Mas o film, como está realizado, não é Cinema, nem theatro, nem operetta, nem revista, nem farça, nem drama, nem comedia, nem tragedia, nem nada! E' um amontoado de tudo. Com musicas de Franz Lehar e Stothardt...

O maior defeito do film, é a direcção. Lionel Barrymore, ex-artista de theatro e de Cinema, dirigiu-o com a preoccupação de ser original. Mas não foi feliz. Quiz applicar voz, sabiamente. Colorido, sabiamente. Dansas, sabiamente. Tudo, sabiamente, em summa. Mas... a realização foi um fracasso. Elle consegue apenas risadas, nas scenas dramaticas. Sorrisos, nas scenas comicas. E impassibilidade, nas scenas romanticas...

Alem disso tudo, Lawrence Tibbett, o heroe do film, nem tem a elegancia de Barrymore (o John!). Nem a audacia amorosa de Gilbert e nem a agilidade de Douglas... E' apenas um barytono grande, forte, feio como a necessidade e explorando um sorriso alvar, o film todo e ensurdecendo a pobre heroina com seus tremendos agudos e seus arrepiantes graves... Lawrence Tibbett, na representação, é o typo do artista de opera, mesmo. E o film, quando o focaliza, apanha-o como um cantor de opera, mesmo... Entra cantando, derruba os que estão na sua passagem, cantando, sobe escadas, cantando, atravessa corredores, cantando, entra pelo quarto, cantando e, afinal, quando todos pensam que ahi é que elle vae parar de cantar, não, ahi é que elle começa, realmente a sua canção... Depois, até dá pena, francamente! Quando elle canta a canção de Lehar, *White Dove*, aos ouvidos de Catherine Dale Owen, é até judiação o que fazem com ella! Poem-na impassivel, expressão de grande enlevo na physionomia e, durante 10 minutos, elle canta. Das notas mais melodiosas aos mais violentos agudos e dos agudos violentissimos aos mais soturnos graves. E, alem disso, como situações romanticas, ellas são impagaveis! Melhores do que ellas, mesmo, só os porteiros do Cinema, todos vestidos de russos, com gaitas de doceiros no peito e botas "Russas"...

O romantismo do Cinema, então, desappareceu, completamente. Em seu lugar, entraram canções e duetos. Mas como Catherine Dale Owen não canta e Lawrence Tibbett canta pelo elenco todo, o dueto limitou-se a ser solo e, nas situações mais *sentimentaes*, via-se, apenas, uma enorme bocca escancarada, chamando a heroina de *minha doce pomba branca* e as veias do pescoço do heroe mais grossas e mais retezadas do que as proprias cordas dos contra-baixos da orchestra que acompanhava... Depois, mais adiante, a cousa se torna engraçadissima, mesmo. Principalmente na scena em que elle regressa e encontra sua irmã morta. A scena que elle representa, chamando-a, choroso, em attitude e maneira genuinamente theatral, é gozadissima. Principalmente porque a gente já advinha que ella apenas despertará para contar o nome do *trahidor* e depois morrer e, ainda, pela voz de trovão que tem o Tibbett, que, sem querer, já é uma boa piada. Depois disso, então, entramos num periodo mais engraçado, ainda, do film. Elle consegue ir á festa da Condessa Tatiana. Aliás elle apparece em todos os lugares, sem se saber como e nem porque e fazendo inveja a qualquer Raffles ou Lupin do mundo... Lá, na festa, illudindo a Condessa com a sua labia de grande amoroso, elle consegue ficar para cantar e divertir os convidados. E, antes delle cantar, entra um bailado pelas "girls" de corpo de bailados de Albertina Rash, que rouba o film, terminando o mesmo num symbolo que é mesmo o symbolo da comprehensão Cinematographica de Lionel Barrymore: aquelles cysnes... Depois então, apenas olhando para Ulrich Haupt, em attitudes ferozes de Rigoletto vingativo, Tibbett canta um *improviso* e, para variar, a orchestra o acompanha, familiarizadissima, como se já conhecesse de cór todos os *improvisos* delle... E, depois da canção ha a perseguição feroz ao *villão* e, numa sala escura, apenas com *sons*, elle apunhala o villão e vinga a morte de sua irmã. O mais engraçado, nesta scena, é que a luz não se accende nem por um decreto e, assim, apenas se ouvem as vozes e apenas se comprehende *theatralmente* a acção toda...

Lawrence Tibbett, o melhor barytono do mundo...

Dahi para diante, o film mais graça ainda adquire. Entra elle a humilhal-a e, ella, a enfrental-o, altiva. E quando ella está com os pés mergulhados na agua daquella nascente e elle se senta ao lado della e canta... Que bôa voz! E', mesmo, a unica cousa que se poderá dizer...

Mais adiante ha uma tempestade atroz e, depois, a trahição. O flagello de Lawrence Tibbett, quasi no final do film, é dessas cousas que a gente só tem occasião de ver uma vez, na vida. E' um flagello cantado, imaginem! Apanhando chibatadas, com o echo de uma musica soturna e tragica, elle vae cantando. Canta todas as canções do film, e, depois, canta-as de novo, quasi de traz para diante. E, á cada chibatada, corresponde um agudo. E á cada agudo, uma careta de ferocidade amedrontadora... Depois das caretas, elle, tomba, exhausto e ella, num detalhe admiravel, tambem tomba, exhausta de tanto o ver soffrer e atormentada pelos remorsos...

O final, com a sahida delle, daquelle castello, com aquelle fundo de theatro de revista e sempre cantando, é a ultima *bóla!*

Ninguem deve perder este film! E' a melhor comedia do anno e, mesmo que os programmas annunciem como sendo drama, não têm credito: sempre será uma esplendida comedia!

Basta que se diga que os unicos artistas serios do film, são Stan Laurel e Oliver Hardy. Sim! porque, afinal, são os unicos que representam os seus reaes papeis e, dentro delles, são os mesmos de sempre, sem caretas, sem agudos e sem cantos. E as piadas em que elles figuram, são a prova de especie de director que é Lionel Barrymore. A da abelha, a da navalha e a do urso, são coisas genuinamente de farças em dois actos, como sóem ser seus films e não para um film que tem ao menos a vontade de ser dramatico.

Reconhecemos, com toda a franqueza, que Lawrence Tibbett é, sem favor, a unica voz que, até hoje, no Cinema falado, cantou de facto. Mas tambem devemos felicitar a M. G. M., por outro lado: porque encontrou, para o inditoso Lon Chaney, um genuino substituto. Lawrence Tibbett será tão perfeitamente o *O Phantasma da Opera*, quanto *O Corcunda de Notre Dame*. Tambem poderá ser *O Falcão Negro* ou *O Principe Satan*...

Não acham?

Vão ver as canções de Tibbett e a soberba comedia que é *Amor de Zingaro*. Não levem a serio nada de tragico ou dramatico que tem o film e, verão, tornar-se-á elle uma maravilhosa comedia.

Cotação: — 6 pontos.

Joan Crawford, em "Indomavel", não tem um só "close up" feliz.

Richard Arlen, um dos galãs mais sympathicos do Cinema.

No seu lar, fingindo que toca piano e em mais algumas outras poses de publicidade

O Julgamento de

Ella perguntou ao accusador se é crime ter "it" de nascença e elle não soube responder...

CAUSA: — A attracção sexual é um crime.
APPELLANTES: — Familias offendidas.
A ACCUSADA: — *CLARA BOW.*

Está diante do jury, Clara Bow. O seu crime é um só: — ter "it". Essa palavrinha pequenina que Elinor Glyn inventou para significar tanta cousa... Accusam-na de ser perturbadora. De ser bonita. De ter encantos e personalidade. E de seduzir a todos com um requinte de olhar, apenas. Aqui está sua defeza. Vamos ouvir o julgamento...

O ACCUSAOOR: — O seu nome, senhorinha, perante o publico e em sua vida privada é Clara Bow, mesmo?

ELLA: — E', sim!

ACCUSADOR: — E' ou não é a mesma Clara Bow, cujas mysteriosas qualidades incognitas inspiraram Madáme Elinor Glyn a inventar a expressão "it"?

ELLA — Creio que sim. Mas... que especie de "it"?

ACCUSADOR: — Senhor Juiz! E' preciso continuar? A pequena já confessou o sufficiente para ir ter á penitenciaria! Devo continuar?

O JUIZ: — Não é o sufficiente. Se a accusação resume-se nisto, eu me vejo forçado, a mandar prender os accusadores e todas as familias que se dizem offendidas. Queira continuar, senhor accusador!

ACCUSADOR: — Pois não, Excellencia! A accusação, Miss Bow, inclue-se entre as que têm attracção sexual, sem uma devida licença. Póde contar aos jurados, por accaso, se essa attracção sexual de que a accusam é a mesma cousa do que o famigerado "it" que inventaram para si?

(Esta pergunta, assim de improviso, provocou grande escandalo na côrte toda. O Juiz, á muito custo, conseguiu conter... os olhares que foram dirigidos á Clara Bow. Ella, attitude de ingenua, apenas se limitava a esperar o seu momento de falar...)

O JUIZ: — Acho que a ultima pergunta do Accusador deve ser retirada do processo!

ELLA: — Se a ultima pergunta que me fez o nobre Accusador, senhor Juiz, visou offender-me, fazendo-me crer que tenho attracção sexual, enganou-se a mesma. Porque, felizmente, possúo, realmente essa attracção com a qual querem formar libello para me condemnar. E, digo mais, a attracção sexual que tenho e da qual me accusam, absolutamente não é nada que me cause vexame. E que leis ou livros existem, sobre isto, que condemnem uma pessôa que a tem ...

ACCUSADOR: — E' l o g i c o, senhorinha, que, neste caso, não nos estamos havendo com leis de homens. As leis que nos regem, neste processo, são as leis occultas do mundo: as leis da moral! Ousará, por accaso, dizer á todos os presentes, por exemplo, que toda a attracção sexual, ou seja, o "it" que anda gastando, ha annos, em milhares e milhares de metros de films, espalhados pelo mundo todo, não tem prejudicado e offendido os canones da decencia e da moral e do bom gosto do mundo todo?...

ELLA: — Já que o nobre accusador insiste, vejo-me forçada a dizer, antes de mais nada, que existe attracção sexual e... attracção sexual!

(Applausos geraes. Todos se enthusiasma e olham, com rara e grande insistencia as pernas... da cadeira em que se acha Ella sentada...)

ACCUSADOR: — Acho que os membros do Jury, aqui presentes ou quaesquer outros homens de bem que aqui se

Clara Bow

realmente admiraveis! Os artistas, por sua vez, dividem-se em duas cathegorias: aquelles que têm "it" expontaneo, natural e aquelles que não têm e que affectam. O que é realmente repugnante, com certeza, é ver-se; como já tenho visto, pessoas que affectam possuir encantos que não têm. Isto, sim, é erradissimo e condemnabilissimo! Muitas das minhas collegas, repito, não têm o successo de bilheteria que eu tenho, por exemplo, porque; para ellas, é apenas enorme a platéa masculina. Ao passo que eu, embora não lhe pareça, tambem agrado a moças; velhas, crianças e, emfim; toda a sorte de publico. E é a isto que eu chamo attracção sexual expontanea, ou melhor, personalidade. Aqui falo com toda a franqueza, porque se trata de minha defeza e, assim, não posso usar a modestia. Attracção sexual, para uma "estrella", póde ser a razão do seu successo. Mas tambem póde ser, creia, a razão da sua tragedia artistica. Pessoalmente, creia, eu jámais me insurgi contra a attracção sexual, porque, confesso, sinto-a desde que nasci e, assim; sendo dote de natureza, não posso contra elle me revoltar, é evidente. E, além disso, alguma cousa que realmente interesse ao publico, precisa ser respeitado. E se o publico tanto se inclina para as artistas que têm attracção sexual nata, porque contrariar esta qualidade?

(Os applausos augmentaram de intensidade. Diversos cavalheiros atiraram seus chapécs aos pés de Clara Bow, para, depois; abaixarem-se e... apanhal-os. O Juiz, limpando a todo o instante os oculos, fixava Miss Bow e concordava com tudo que ella dizia...)

ACCUSADOR: — Quero crer, sinceramente, que os senhores jurados não se estejam inclinando para a banda da accusada que, neste instante, acaba de produzir eloquente discurso de defeza. Ao menos, nos olhares dos mesmos...

(Aqui os jurados transformaram por completo os olhares que estavam fixos em direcção diametralmente opposta...)

ACCUSADOR (continuando): — e, por isso, digo-lhe, senhorinha, que pouco importa, para o nosso caso, a qualidade ou a especie de attracção sexual. Se ella existe, é immoral e, sem duvida, prejudica os sentidos dessa infinidade de pessoas que accorrem aos seus films, mensalmente, quasi...

Accusaram Clara Bow de ter muito "it". Ella se defendeu. Aqui está o julgamento...

achem, gostariam de saber, naturalmente, a extenção da perversidade dessa sua phrase.

ELLA: — Perfeitamente! E é isto tambem que eu desejo esplicar, satisfatoriamente, aliás! Refiro-me á qualidade de attracção sexual que só seduz aos homens. E não áquella, é logico, que tambem seduz as mulheres. Isto é. Uma cousa que se chama personalidade, que tanto homens como mulheres apreciam e que não tem a acção nociva que têm a *attracção sexual* que só attinge aos homens e que é o forte de muitas creaturinhas por ahi espalhadas, principalmente colleguinhas minhas... A attracção sexual que tenho, sinceramente, não é estudada. E' espontanea! E' uma cousa que tenho commigo desde o berço e contra a qual não me posso insurgir. E' uma attracção que se nota, quer use a pessoa vestidos compridos e afogados ou vestidos curtos e decotados! Attracção sexual, neste sentido, repito; é personalidade! Não é o corpo que a gera: é a propria alma! E' uma cousa que se tem, sem que se sinta e que fére sem sentir e sem querer, tambem...

ACCUSADOR: — Quer então a senhorinha suggerir aos senhores jurados que é differente das outras suas collegas, que tambem têm attracção sexual, mas que, na sua opinião, é o synonymo de vulgaridade?

ELLA: — Eu não disse e nem pretendi suggerir que eu fosse a unica artista que tivesse personalidade, a fórma exacta de se definir o meu "it", como o senhor diz. Disse, apenas e isto torno a affirmar, que certas artistas, que não tiveram e não têm "it", para o conseguirem, affectaram e, assim; apenas se tornaram interessantes para os homens. Comprehendeu agora? A verdade é esta: muitas das pequenas de Hollywood, affectam possuir "it", quando, na verdade, nem o significado lhe conhecem. E é contra isto que me insurgi, ha pouco. Hollywood é uma cidade que tem pessoas

Clara Bow diz que não tem culpa que o rapaz que assista seus films, tenha, depois delles, vontade de a beijar...

ELLA: — Meu caro accusador, se houver, no mundo, um só joven, um só homem (já que é a elles que o senhor cita como victimas...) provar que eu lhe fui prejudicial, com meus films e com minha attracção sexual, eu estou disposta a lhe dar, immediatamente, um cheque de 5 mil dollares para que elle se trate e restaure seus sentidos deteriorados. A attracção sexual que não seja exaggerada, meu amigo, não póde ser prejudicial á ninguem. E' para o physico, a mesma cousa que o colorido perfei-

(*Termina no fim do numero*)

O PORTO do

Film da United Artists

LUPE VELEZ . . . . *Anita*
John Holland . . . . *Bob Wade*
JEAN HERSHOLT . . . *Joseph Horngold*
Gibson Gowland . . . . *Harry Morgan*
Al St. John . . . . *Bunion*
Harry Allen . . . . *O Perneta*
Paul E. Burns . . . . *"Blinkey"*

Director: — HENRY KING

Anita, pedaço de tentação daquellas praias Caribbeanas, dansava e passava a vida alegre. Pouco lhe importavam os máos negocios de seu pae, Harry Morgan. Ou o seu caracter corrupto ou as suas ligações com Joseph Horngold, um negociante de perolas, canalha e falso como as joias que dava aos nativos em paga das perolas bôas que estes lhe davam...

Para ella, era a liberdade que queria. As praias, para dansar. O luar, para sonhar. O sol, para se acalentar. E toda aquella amplidão quasi selvagem, ao lado daquelles nativos humildes e sinceros e daquella natureza que a fazia respirar livremente, como se fosse um animalzinho selvagem.

Harry Morgan, fôra despojado por Horngold, em manobras canalhas e trapaçeiras sem conta, de todos bens que possuia. Seu vicio de beber, não lhe permittia comprehender nada do que se passava. Era Horngold que lhe dava o dinheiro para isso. Prompto! Nada mais lhe era necessario. Mas agora... Era Anita que entrava pelas cogitações de Horngold. Elle a queria, soffregamente. Porque a via dansar. Porque a via pelas praias, naquelle seu abandono meio selvagem. E já não mais podia fugir á tentação de a ter como esposa: unica maneira de possuir os seus carinhos. E, para isto, já tramava um plano, no qual faria Harry cahir sem a menor vacillação.

—oOo—

Foi ahi que chegou ao local, "O Perneta", um pobre diabo que tinha umas perolas e as queria trocar por dinheiro, com Horngold.

Feito o negocio, não foi pouco o dinheiro que elle recebeu e, para começar a se divertir um pouco, ficou alguns instantes no salão de jogos e bebidas, que ali havia, afim de se divertir alguma

coisa, depois de tantas preoccupações tantas lutas. Harry Morgan, porem, que o vira receber aquelle montão de notas, já tinha seus planos concebidos. Approximou-se delle. Procurou fazer camaradagem. E, conseguindo-a, fez com que elle se afastasse mais um pouco para um local mais socegado do salão. Lá, emquanto realizava a outra parte do seu plano, já era observado por Horngold. E, assim, quando fez com que as luzes todas se apagassem e, com uma punhalada estatelou *O Perneta* morto, no chão, tinha uma testemunha para tudo aquillo: Horngold, que o vira realizar a covarde façanha.

— Morgan, é melhor que me confesses!

—Nada tenho a confessar!

— Olha, pobre diabo, vi quando apagaste as luzes, percebi claramente quando lhe enfiaste o punhal pelas ilhargas! Vamos, confessa!

Elle acabou confessando, mesmo.

Assim que obteve sua confissão, Horngold correu á porta, cerrou-a. Ali ninguem desconfiava de Morgan ou de Horngold, num caso como aquelle, porque com tanta gente ruim, num só lugar, era lá possivel desconfiar deste ou daquelle? Era mais um *mysterio*, estava acabado!

E depois de cerrada a porta, Horngold voltou-se bruscamente para Morgan, expressão soturna.

— Pois agora, meu velho, ou me dás a Anita em casamento, ou...

INFERNO

— Ou... O que?

— Ou vaes para as grades!!!

Morgan reflectiu. Era infinito o odio que Horngold lhe despertava. Mas tambem infinito era o medo que elle tinha que Horngold falasse...

— Bem... Eu falarei á pequena!

E sahiu, ás brutas.

—oOo—

As primeiras palavras que elle dirigiu á filha, foram brandas e até extranhas, para ella, só acostumada a berros e máos tratos. Mas depois... Ella comprehendeu, muito bem, aonde elle queria chegar.

— Quer dizer que, meu Pae, vendeu-me ao Horngold...

— Vamos, deixa-te de graças! Vaes ser sua esposa e, garanto, joias e cousas finas não te faltarão.

— Mas eu não quero, comprehende!!!???...

E ahi, nas suas veias, o sangue meio selvagem que tinha, rompeu como se fosse lava. Não podia mais deixar de se mostrar. Fez-se a férazinha que poucos sabiam que ella era. E, contra a pretenção covarde de seu pae, antepoz toda a violencia de uma argumentação segura e terrivel.

Ao cabo de segundos, Morgan tinha um pesadissimo chicote entre os dedos e investia contra ella.

— Bate-me! Bate-me, covarde, mas bate de rijo! Mas nem que me mate, percebe? nem que me mate eu me casarei com Horngold!

E o latego cahiu sobre ella. Fel-a chorar de dor. Magoou-a terrivelmente. Mas ao cabo do supplicio quando elle Morgan já não mais forças tinha para continuar aquella brutalidade infame, a phrase persistia, serena e firme, nos labios de Anita.

— Não me casarei com Horngold! Prefiro morrer!

Morgan retirou-se se violentamente excitado.

—oOo—

O dia seguinte foi differente. Bob Wade, o dono de um cargueiro yankee aportou. Trazia uma grande quantidade de perolas e Horngold esperava compral-as, como fazia ás outras todas que por ali surgiam. Mas conheciam a fama de Bob Wade. Elle reagia e não se sugeitava. Não era um nativo que se dobrava com pancada e nem um *Perneta* que se enviasse assim, sem mais e nem menos, um palmo de aço pelas ilhargas a dentro...

Horngold e Morgan combinaram grandes planos. Anita ouviu-os. Ao cabo delles, exclamou, bem na cara de Horngold.

— Se eu o venço, com seducções, voce desiste dessa mania de se casar commigo?...

Horngold pensou. Depois pensou nas perolas e...

— Acceito!!! Mas garanto que não vae ser tão facil assim...

—oOo—

No dia seguinte, quando encaminharam Wade para seu lado, ella ainda não estava preparada para o receber. O encontro foi inesperado e brusco. Wade ficou estatelado diante da belleza selvagem e admiravel della e ella, quando se voltou e o viu. Ficou enternecida diante de tamanha sympathia e tamanho caracter, estampado claramente no seu rosto franco.

A deliberação da vespera, em um segundo, vôo por terra. Ao contrario do combinado, Anita resolveu salvar Wade em vez de o trahir. Chamou-o para um canto.

— Voce é Bob Wade, não é?

— Sou, porque?

— Desde hontem que era esperado aqui...

— E por quem? Por voce?

— Por mim tambem...

— Ora...

— Mas era para matal-o!

Bob sorriu mas olhou-a. Viu seu ar serio e triste. Chegou-se mais á ella.

— E por que? Por causa das perolas?

— Por isso mesmo.

— E porque me avisa?

— Porque o amei, Bob, logo que o vi. E, para que avalie o que é minha vida, aqui basta que lhe diga que meu pae me quer vender ao Horngold, como se fosse uma mercadoria qualquer... Hontem, combinaram roubar-lhe. Eu estava perto. Disse-lhes que se me dessem a liberdade, nesse negocio de casamento, eu seduziria voce e entregaria voce ás mãos delles. Mas quando voce appareceu e eu vi seu sorriso... Confesso, não tive coragem de continuar uma cousa que é tão contra meu instincto.

A resposta de Bob Wade, foi immediata. Apanhou-a nos braços e, num impeto, beijou-a com fogo.

—Anita, se voce me amou, assim que me viu, eu tambem. Socega, querida, que eu tudo farei para li-

(Termina no fim do numero).

DO' RE' MI FA' SOL

Lawrence Tibbett, que ouvimos em "Amor de Zingaro"

Ouvimos, esta semana, alguns discos sob motivos de films.

Aqui vão elles, em respectiva ordem.

Dos films *Colhendo Amores* e *Loucos por Paris,* apenas agora temos duas melodias de cada, em discos Victor. Do primeiro, temos as canções de Donaldson, *Romance,* que J. Harold Murray cantava, no film e, no verso, *After a Million Dreams.* O disco tem o n°. 22.248 e as musicas são executadas pelo conjunto perfeito de George Olsen. Do film de Victor Mac Laglen, temos duas canções de Donaldson, tambem: *Sweet Nothings of Love* e *Duke of Ka ki aki.* A primeira, executa-a o jazz de George Olsen e, a segunda, o conjunto *The High Hatters,* sob a direcção de Leonard Joy. O disco tem o n°. 22.251 e, ambos, têm *refrain* cantado.

O film *Paixão de Todos,* de Alice White, recentemente exhibido, tinha uma canção que, no film, Blanche Sweet cantava, com esplendida opportunidade. Era ella, *There's a tear for every Smile in Hollywood.* O disco tem o n°. 22.436 e é executado pelo jazz de George Steele.

Um dos melhores discos para dansa que a Victor nos offerece, é o n°. 22.383, com os fox-trots *I Love You Much* e *Dancing the Devil Away,* do film *THE CUCKOOS,* que em breve veremos, com os dois artistas comicos de *Rio Rita,* Bert Wheeler e Robert Woolsey. Alem de serem melodias de um rythmo muito agradavel, são admiravelmente bem executadas pelo jazz de Victor Arden e Phil Ohman.

Uma scena do film "The Cuckoos" que já tem um disco gravado com dois bons fox-trots, por signal.

PORTO DO INFERNO — (Hell Harbor) — Que breve veremos, com Lupe Velez, tem uma canção esplendida: *Caribbean Love Song.* O disco Victor, numero 22363, guarda-o, muito bem tocado pelo conjuncto de Nat Schilkret e, no seu verso, a valsa *My Lonely Heart,* do film DOUBLE CROSS ROADS, executada pelo mesmo conjuncto.

THE BIG POND — Um dos mais recentes films de Maurice Chevalier, tem duas melodias capitaes que a Victor, sob n° 22409, já nos enviou, antes das respectivas edições cantadas pelo proprio Chevalier. São ellas, *You Brought a New Kind of Love to Me* e *Divino in the Sunlight.* A primeira é tocada pelos "High Hatters" e, a segunda, pela orcrestra-jazz de Bernie Cummings. Ambas são esplendidas melodias.

O film HONEY, com Nancy Carroll, que já está annunciado, tem um esplendido fox, no seu repertorio. Trata-se de *I dont't Need Atmosphere,* que George Olsen, para a Victor, n° 22381, fez gravar.

Os proximos films a serem entre nós exhibidos, offerecem, ainda, diversas outras melodias que estão para chegar. Entre ellas, citaremos as seguintes:

SWING HIGH, film da Pathé; *With my Guitar and You,* em duas versões: uma da Victor, pela orchestra de Don Azpiazu, de Havana e, a outra, da Columbia, executada pelo jazz de Ben Selvin. *There's Happiness over the Hill* e *Shoo the Hoodoo Away,* são mais duas canções do mesmo film e, ambas, vêm em discos executados pelo conjuncto de George Olsen, para a Victor.

FLORADORA GIRL, o film de Marion Davies, para a M. G. M., offerece a melodia *My Kind of Man* que, para a Columbia, Ethel Waters acaba de gravar.

CHEER UP AND SMILE, tem duas melodias, *Where can You Be?* e *You May Not Like It* que Jack Smith, o *Whispering Baritone,* canta para a Victor.

FOX FOLLIES DE 1930, offerece, em edição Columbia, pelos Charleston Chasers, a canção *Here Comes Emily Brown.*

GOOD NEWS, da M. G. M., tem uma canção de successo, *If You're Not Kissing me,* que a orchestra de Nat Schilkret acaba de gravar, para a Victor.

QUEEN HIGH, film da Paramount, offerece, cantada por Lee Morse, para a Columbia, a canção *Seems to Me.*

E, finalmente, o proximo film de Janet Gaynor-Charles Farrell, HIGH SOCIETY BLUES, têm duas canções: — *I'M in the Mar-*

(Continúa no proximo numero)

OLIVE BORDEN

Cinearte

RAQUEL TORRES

cinearte

EDWINA BOOTH
Cinearte

PAULO MORANO

Cinearte

MYRNA LOY... PORQUE E' QUE VOCÊ E' TÃO EXQUISITA, HAN?...

A VIDA de

Maurice Chevalier conta a grande peripecia que é a sua vida...

Chevalier, visto por um caricaturista.

Numa das suas caracteristicas poses, ensaiando uma canção para o seu ultimo film.

Quando o procuramos, nos Studios que a Paramount tem em New York, era grande o reboliço.

Todos se mexiam, de cá para lá.

De lá para cá. Mudavam-se mezas.

Trocavam-se cadeiras e, por todo o "lot", ia uma agitação estupenda.

Nós o conhecemos, porque, quando o procuramos, ouvimos, ao passar, uma phrase que um dos operarios disse ao outro.

— Ali está o "Shevally"!

Pronunciando com muito cuidado.

E o outro, voltando-se, olhou-o, admirou-o, ao longe e respondeu.

— Excellente rapaz!

E continuando a trabalhar, nos puzeram ao par da direcção em que se encontrava a figura tão importante, hoje, que iamos procurar para uma entrevista.

A opinião que todos formulam a respeito de Chevalier, é uma só.

De Jesse L. Lasky, que o contractou, em Paris, ao operador que o filma em todas scenas.

— Um camaradão! Não o apanhamos em um só instante de convencimento, ainda!

E isto, sem duvida, por si só, já é um escudo fortissimo com o qual elle se poderá valentemente defender...

Quando o encontramos, elle acabava de concluir a versão franceza de "The Big Pond" (La Grand Mare) e, exhausto, ia-se para Hollywood, no dia seguinte, para, lá, iniciar, immediatamente, tambem, as duas versões de "The Little Café" (O Café do Felisberto), que elle está fazendo.

Antes de podermos falar com elle, ouvimos, de todos os lados, emquanto elle concluia um pequeno trabalho em que se achava interessado, commentarios a seu respeito. Um dos cavalheiros que ali se achava, dizia.

— Imaginem! Um bello rapaz. Eu sei que elle está cançadissimo. Mas eu lhe pedi attenção para os "trailers" e elle, promptamente, a manhã toda, nada mais fez do que "trailers"...

— E não é só isso!

Entrou outro, argumentando.

— Hontem, quasi que o dia todo, tive-o em meu gabinete, tirando "stills". Nem imagina a dóse de paciencia que elle tem, homem!

Sem duvida, procurar-se uma pessôa e, della, ouvir-se tanto elogio, á um só tempo, conforta, não é? E, além disso, prova o fino tacto que teve Jesse L. Lasky quando, em Paris, contractou-o, sem querer saber de mais nada, por uma somma que poz Adolph Zukor maluco, mas que fez com que, hoje, todos agradeçam á sagacidade do vice-presidente da fabrica...

Mas... Para a modestia de Chevalier. Para o seu desprendimento e respeito ao trabalho, deve haver, por força, um motivo. Assim é que elle não póde ter nascido. A sua vida, no emtanto, nos vae mostrar, dentro em pouco, que elle tem os pés assentados, no chão, firmemente. Porque o seu triumpho de hoje e o seu enorme successo de todos os dias, não foi cahido do céo e nem conseguido com protecção

Filho de operarios, soldado que mereceu a "Croix de Guerre", idolo da França que passou a ser idolo de todos os povos, com os "talkies".

Chevalier

desta ou daquella grande personalidade, não. Elle caminhou, sempre, passo a passo. Sua luta começou aos 12 annos, quando ninguem dava nada por elle. Elle lutou contra a pobreza, contra a opposição da familia toda, contra a indifferença do publico. Depois, durante a guerra, pela sua vida particular e pela sua vida de soldado, sustentou, igualmente, lutas formidaveis, interminaveis. Depois, quando a guerra terminou, a luta proseguio. Elle deixou de ser o mesmo. Havia um residuo de estilhaço de granada ao lado de seus pulmões. Faziam-lhe um grande mal, atrazavam immensamente sua saude. A tudo isto, porém, com persistencia e tenacidade, elle venceu. E, hoje, é uma figura internacional. De Norte a Sul. De Éste a Oeste. Quem desconhece Maurice Chevalier, no mundo todo?...

A França, então, adora-o intensamente. A America, hoje, tambem o quer muito e quasi já o ama com a mesma intensidade com que o quer a Patria do seu coração. Mas, apesar de todos os seus triumphos, Chevalier não teve um só instante de surpresa e nem um minuto de presumpção. Elle tem ficado bastante sensibilizado com o calor das manifestações que tem recebido, por toda a parte. Mas isto é natural. No emtanto, talvez elle proprio não ignre, a sua modestia é, nisso tudo, o seu maior escudo.

Uma das grandes razões pela qual elle não se compenetra demasiado com os seus successos, é porque elle, melhor do que ninguem, conhece a futilidade da opinião publica. Tanto incensam, hoje, quanto esquecem, amanhã. E elle, que já passou por esses transes, na sua vida de theatro, conhece perfeitamente o seu "mettier".

No seu trabalho, a sua dedicação é sem par. Se está cantando, seja pela primeira ou pela decima vez, canta com o mesmo enthusiasmo, com o mesmo impeto. Energia e abandono, são seus predicados, durante momentos de trabalho. E isto é o que tem feito sempre, desde os seus tempos de café-concerto, em Paris, quando ainda era muito joven.

O senso de responsabilidade que elle tem, quanto á sua familia, emprego ou quaesquer outras obrigações, é o padrão do seu caracter recto e firme.

Elle descende de uma familia de operarios. Nasceu, sendo o mais moço de tres irmãos, em Menilmontant, um dos arrabaldes mais pobres de Paris. E, como elle proprio descreve, "um pouco de vizinhança Apache".

Aos 10 annos, perdeu seu pae.

Seus irmãos, nessa época, tinham 15 e 24 annos; respectivamente. O mais velho, no seu emprego, ganhava menos de 2 dollares por dia e o mais moço, ainda aprendiz, pouco ou quasi nada ganhava. Maurice, nessa época, estava ainda cursando uma escola. Aos 12 annos, como geralmente acontece aos rapazes francezes filhos de operarios, terminou sua instrucção necessaria. Dahi para diante, portanto, restava-lhe um officio a seguir e, todos, contavam que elle se fizesse um bom carpinteiro, já que ia começar como aprendiz. Sua alma, no emtanto, impellia-o para outro rumo; bem diverso, aliás.

Como todas as crianças, Maurice Chevalier apreciava os seus instantes de brincadeiras e folguedos. Ainda que a vida, nessa época, para elle, não houvesse sido nenhum leito de rosas... Elle tinha as suas amizades e, as que não lhe convinham, já sabia elle distinguir e afastar de si promptamente. De coração alegre e alma divertida, era, quasi sempre, o bom humor de todos e de tudo. Na sua vida; existiam dois thesouros. Um delles, era sua mãe. Mas elle não diz, como geralmente fazem todos os demais artistas, que deve tudo quanto é a sua Mãe. E elle tambem não se vexa em dizer, porque, afinal, é pura verdade. Que, grande parte do que é, hoje, deve ao seu proprio esforço e á sua inquebrantavel tenacidade. No emtanto, tudo quando uma mãe póde dar á um filho, em materia de sympathia; moral e auxilio affectivo, ella deu a Maurice.

Quando elle annunciou que iria seguir uma carreira theatral, os seus irmãos quasi que o agridem. Foi ahi que sua Mãe se poz diante delle, e, tomando-lhe a defeza, arruinou todos os planos contrarios de seus irmãos. E Ella, para melhorar um pouco a sorte da familia e auxiliar Maurice, trabalhava, ás noites, em bordados, porque não podia muito mais contar com o auxilio de seu filho mais velho que, casado, já não era só della e dos seus e, muito menos, com o do outro que, naquella época, ganhava apenas um dollár por dia.

Dahi para diante, sonhou Ella junto com Maurice, quando lhe chegaram os triumphos. E aborreceu-se ella, junto com elle, quando lhe chegaram as primeiras desillusões. Durante aquelles dias tristes, quando o pão do dia seguinte era sempre incerto, jamais teve aquella mãe, para aquelle filho, uma só phrase de desanimo ou censura. Sempre havia esperança no seu olhar e nas suas phrases de estimulo á sua carreira.

Na vida que Maurice levava, adquiriu ella um habito. Esperava-o, todas as noites, quando do seu regresso do thea-

(*Termina no fim do numero*)

Quando elle chegou á Hollywood, em companhia de sua querida esposa e ex-companheira de theatro, Yvonne Vallée.

Elle e Frances Dean, numa scena do seu ultimo film, "The Little Café" (O Café do Felisberto)

Pergunte-me Outra...

VALOTE — (B. do Pirahy, E. do Rio) — E' norte-americano.

NILS NORTON — (Porto Alegre, R. G. do Sul) — Vae ter voz apenas em algumas sequencias, substituindo os letreiros e será synchronizado, naturalmente. Mas vae ver que tudo será justamente dosado. 1º — First National. 2º — E' irmão, sim.

SUE ROLLINS — (Recife, Pernambuco) — Seu pedido será considerado.

A. GERHARDT — (P. Alegre, R. G. do Sul) — Muito mente pedir. 4º — E' verdade, sim, Dorothy é muito perigosa... Porque foi que voce mudou de papel e de pseudonymo, hein?...

BEBE DENNY — (?) — E', sim. Mande pelo correio, se acha que realmente isso lhe interessa. Porque, francamente, esta é mais uma maneira de canalisar nickeis para os cofres yankees... Jeanette Mac Donald não morreu, não.

LOURENÇO M. C. — (Recife, Pernambuco) — Assim que fôr encontrado o endereço, será remettida.

DIVA FOSTER — (S. Paulo) — Escreva-lhes aos cuidados desta redacção. Escreva em Brasileiro, naturalmente. O Gonzaga entregou-me sua carta.

ALWEHO — (Ilhéos) — A pergunta que voce me faz, é a mesma que todos nós fazemos... As suas outras considerações, dados os factos, são bastante sensatas. Escreva-lhes aos cuidados desta redacção. *Labios sem Beijos* é silencioso mas *O Preço de um Prazer* já terá dialogos e synchronização. Quando vier, procure-nos, sim!

LUDWIG — (P. do Sul, E. do Rio) — Voce vive se preoccupando com as qualidades dos papeis em que escreve. Deixe disso, Ludwig! Pode procurar quando quizer. Voce sempre deixa alguma cousa para escrever depois...

I. PATTUZZO — (Collatina, E. E. Santo) — Seria de bom alvitre escrever uma carta ao Sergio Barretto Filho, da secção de Cinema de Amadores, que elle lhe responderá tudo.

WILLY ZUMBLICK — (Tubarão-S. Catharina) — Se recebi, respondi, com certeza. Algumas são aproveitaveis mas não sei se arranjarei, para as mesmas, applicações. Vou tentar.

NORMA — (Ponta Grossa-Paraná) — 1º — São, é logico. 2º — *Labios sem Beijos*, tem curto papel seu. *O Preço de um Prazer*, é todo della. 3º — *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, Rio. O seu P. S. veio a proposito. Ha muito mesmo, que eu queria contar meu nome á alguem. Eu me chamo... Mas olhe lá! Não vá contar á ninguem, sim?... Eu me chamo... Operador!!!

MELINDROSA — (Guará) — Voce escreve tão bonito, Melindrosa... Não quer mandar alguma cousa assim sobre gente de Cinema Brasileiro que lhe agrada?... Conselhos á mim? Eu só sei dizer á voce que elle é muito distincto e delicado. Cavalheiro e, mesmo, 100% do quanto sua entrevista contou. Basta? Mas voce está mesmo, apaixonada?... Sahirão os instantaneos que pede. Não demoram, verá!

Renée Adorée, ainda no seu leito de hospital, agora que está melhorzinha, depois de sua terrivel molestia de nervos.

Charles King e uma "Bell & Howell". Não é o caso perguntar-se qual delles fala melhor?..

O. FERREIRA — (Recife, Pernambuco) — Recebi e encaminhei ao encarregado da secção.

ROSALIE — (Natal, R. G. do Norte) — Muito prazer em conhecel-a, Rosalie... 1º — Não está actualmente trabalhando em fabrica alguma. 2º — Aos cuidados desta redacção. 3º — Anda por aqui mesmo. 4º — E', sim. Eu não quero convencer a ninguem, não. Mas que sou velhinho, sou, mesmo... Já reparamos, sim e por signal que achamos que isto, por si, já é um defeito. E' que as distribuições nem sempre são perfeitas. Agradeço o abraço...

MARIETTE G. — (Lorena, S. Paulo) — Transmitti seu pedido ao encarregado.

CARLOS MORENO — (Santarém, Pará) — Recebi a lista: muito obrigado. Mande sempre, sim. *Labios sem Beijos*, para o mez, provavelmente.

K. C. T. — (J. Fóra, Minas) — Logo no principio das suas cogitações, citou justamente o nome certo. E achei, a este respeito, muito sensatas e interessantes as suas observações.

MIROEL S. — (Santos, S. Paulo) — A sua informação era cousa velha para mim, amigo. Eu até já citei isso numa resposta e, mais, citei os proprios films de Robert Castle. E já expliquei, tambem, a razão pela qual não me interessei muito pelas respostas. O defeito que aponta, realmente existe mas é cousa occasional e facilmente removivel. O seu "parenthezis", logo adiante, está erradissimo. Se quer provas... O caso da B. Dove era mais para voce do que para mim, não acha?...

RIOMA — (Rio) — 1º — Mae Murray. 2º —Não está trabalhando, actualmente. 3º — Em inglez.

SEM GRAÇA — (Rio) — Perfeitamente. Chame 8-8247, das 12 ás 17.

M. ALVES — (Pilar) — 1º — Dolores Del Rio, United Artists Studios, 1041, nº, Formosa Ave., Hollywood, Calif. 2º — Douglas Fairbanks, idem. 3º — Lois Wilson, Warner Bros. Studios, 5842 Sunset Blvd., Hollywood, Calif. 4º — Joe Bonomo, Universal Studios, Universal City, Calif. 5º -- Ainda quer o endereço?...

prazer em conhecel-o. Pensamos que fosse algum *communicado* da Agencia dahi, apenas. Essas noticias merecem censura, porque quasi sempre são mentirosas. Mas está tudo O. K. e... *pergunte-me outra*, quando quizer.

RONNIE — (Aracaju, Sergipe) — Porque não? Voce quer, Ronnie?... Voce escreve tão macio e parece tão bôazinha. E'? Pode escrever, sim. Para *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, Rio. Ao outro, escreva aos cuidados desta redacção. Quem fica esperando outra, sou eu...

TAMAR VIANA — (Rio) — A chronica a que se refere, é coisa commum. Não espante! Ha tanta gente invejosa, neste mundo... Ella não morreu, não: foi apenas um *bluff*. Didi Viana e Tamar Moema, provavelmente para o mez em *Labios sem Beijos*.

LYRIO PARTIDO — (P. Quatro-Minas) — 1º — *Is Zat So?*, é uma expressão americana, que, para elles, tem assim uma significação de: mas é verdade, é? 2º — O film tem Ben Lyon no principal papel. E' todo falado... em inglez, naturalmente. 3º — Experi-

MISS CINEMA — (S. Lourenço) — Não ha preferencia por cariocas ou paulistas ou paranaenses. Até que neste movimento todo, a maioria é de outros Estados. A's vezes o que impede de se conseguir um typo no interior ou em outro Estado, mesmo, é o problema distancia e o problema economia. Fóra isto, faz-se o que necessario fôr. No emtanto, aconselha-a enviar suas photographias aos cuidados da *Cinédia*. Studios, rua Abilio, 26, Rio de Janeiro.

June Collyer... E' parecida com a namorada da gente! E já andam dizendo que tirou Gary Cooper dos braços de LupeVelez...

A ESTRELLA DA FORTUNA

(THE BROADWAY HOOFER)

— Voce está contractado! Vamos combinar as nossas condições. Adele vae voltar para o seu theatro. Vamos inaugurar uma nova temporada de grande successo e, assim...

— Mas, perdão... Não estará equivocado? Adele é nossa artista e ella... Eu é que a descobri aqui, no meio de muitas outras que queriam tentar a opportunidade...

Ahi é que houve a explicação. Larry explicou a Bobby que Adele era um dos maiores nomes do

Entre successos e triumphos, terminou a temporada. Adele, a estrella que era o idolo do publico e o maior successo de todos os tempos, sentiu que precisava repousar, emquanto o theatro se fechava, para a mudança de temporada e esperar a entrada do inverno.

Foi por isso que ella, sem ser reconhecida, porque ia com pseudonymo, apenas levando Jane, como sua dama de companhia, foi ter áquella cidadezinha pacata de interior. Mais socegada do que nenhuma outra e tão distante daquelle horrivel meio de grande Cidade, aonde tantas eram as lutas...

Foi ali que, em pouco tempo, tambem, se installou uma companhia de revistas. A unica cousa que á mesma faltava, era uma dansarina e cantora, para principal figura do elenco. Porque a mesma havia adoecido e fôra forçada a abandonar a companhia.

No dia seguinte, os jornaes da localidade annunciaram que era uma grande opportunidade que se offerecia ás moças da cidade. E, assim, á tarde, quando se iniciaram as provas e Bobby, o chefe de publicidade e principal artista da companhia, achava-se ás voltas com dezenas de pequenas que queriam conseguir a tal opportunidade, e assim, á tarde, Adele por ali passou e, com aquelle ajuntamento todo, fez-se curiosa e quiz procurar a razão daquillo tudo.

Approximou-se mais da turba.

A mesma a envolveu, em segundos quando ella quiz sahir, já não poude. Foi arrastada para o interior do predio e, sem que quizesse, apresentada, com as outras, a Bobby.

Este, num relance, achou-a a mais perfeita. Chamou-a de parte, estudou-a, fel-a cantar, ligeiramente e, contractou-a.

Adele, a principio, quiz desfazer aquillo tudo. Mas, depois, achou que o rumo que tomavam as cousas, era o melhor possivel. Não só achava graça naquillo tudo. Principalmente ir representar para uma companhia de arrabalde. Como, tambem, pela sympathia que logo lhe inspirou Bobby, a razão mais forte de ter ella resolvido acceitar a offerta que lhe faziam.

—oOo—

Semanas depois, quando a peça estreou, todos se admiraram de como era possivel uma simples moça de aldeia, podia-se dizer, representar com tanta desenvoltura e cantar tão bem. Bobby, achava-se radiante com sua descoberta e Jane, que Adele apresentára á todos como sua mãe, já se começa a preoccupar com o fim que aquillo acabaria tendo...

De successo em successo e de canção em canção, Adele era a verdadeira loucura da companhia. Vinha gente até de outras localidades para a ver. Um verdadeiro successo! Bobby estava satisfeitissima, principalmente porque sua companhia progredia, dia a dia.

E, dia a dia, tambem, progredia o grande amor que ambos sentiam, um pelo outro.

Certa vez, depois de um ensaio, sahiram a dar um passeio. De volta do mesmo, Bobby confessou-lhe seu amor. Ella não o refutou. Ao contrario, nos seus olhos, mais do que ternos, colheu, elle, a confissão certa de que ella tambem o amava...

Agarrou-a, num impeto, beijou-a. Ella tambem o beijou. E, felizes, continuaram a viver aquella vida socegada que tanto a estava descançando, apesar de ser ella a *prima donna* da *grande* Companhia de Bobby...

—oOo—

Jane achou que devia prevenir Larry

Elle era o emprezario de Adele. Approximava-se a epocha de assignar o contracto novo. Adele nem siquer dava mostras de interesse pela volta. E Jane, afflicta, telegraphou incontinente a Larry.

— Venha. Caso sério. Jane.

Elle veio, mesmo. Descobriu a situação toda. Procurou Adele. Offereceu-lhe um contracto novo, muito maior, muito melhor.

E Bobby, que de nada sabia, falou a Larry e offereceu os seus serviços.

Larry olhou-o. Pediu-lhe lhe mostrasse o que sabia fazer. E, satisfeito com a prova, resolveu contractal-o, tambem.

theatro Newyorkino e que elle a vinha buscar, porque já se approximava a occasião de novamente entrar em ensaios, para as grandes e novas apresentações que se approximavam.

Foi ahi que Bobby comprehendeu tudo. Num impeto, sem mesmo escutar as ultimas palavras de Larry, procurou Adele.

— Adele, escuta-me! Voce não foi correcta commigo! Voce me enganou e se riu de mim. Voce se divertiu á minha custa! Voce, uma das maiores estrellas de Broadway, Adele, sugeitar-se a representar para esta companhia insignificante, só pelo prazer de me humilhar? Não posso crer que seja, mesmo, porque me ames...

E retirou-se.

Perplexa, Adele ainda tentou uma reacção e quiz, mesmo, dizer alguma cousa. Mas não teve tempo para nada. Apenas teve para arrumar as malas e rumar para New York afim de cumprir seu dever e seu contracto.

—oOo—

Mezes depois, quando a peça fracassou, Larry attribuiu aquillo a Adele. Ella representava sem enthusiasmo algum, sem vida e sem coragem. E como o principal papel era o seu, só assim se justificava aquelle tremendo fracasso da peça.

Foi ahi que elle descobriu que Bobby tambem se achava em New York, trabalhando num Club nocturno. Sem nada avisar, a ambos, organizou uma festa, para ser realizada no mesmo Club. E lá, quando menos esperaram, Adele e Bobby se encontraram.

Não resistiram. Abraçaram-se, amorosamente. Apertaram-se meigamente nos braços, um do outro, e, assim, foram contando, em segundos, tudo quanto haviam passado de aborrecido e de ruim, um longe do outro.

Quando Larry os viu assim, falou de novo com Bobby. Offereceu-lhe mais um contracto e mais vantajoso.

Mas Bobby disse que não. Que ganhava bem a sua vida e que se sentia feliz com o lugar que já tinha. E que Adele, em absoluto, não estava presa á ninguem. Que era livre para resolver o que quizesse.

Segundos depois, sabia de tudo. Emquanto fôra fazer um dos seus numeros, resolvera-se a situação. Adele acaba de se demittir da companhia, porque, disse ella a Larry, *as bôas mulheres deviam acompanhar os maridos por todos os lados...*

Houve um grande beijo, sim e, provavelmente, a repetição da canção thema, a *sottovoce*...

Film da Columbia

MARIE SAXON .... *Adele*
Jack Egan .... *Bobby*
Louise Fazenda .... *Jane*
Howard Hickman .... *Larry*
Director: — George Archainbaud

Rowland V. Lee, da Paramount, está dirigindo Gary Cooper e June Collyer, em *A Man From Wyoming*.

卍

The Barbarian, será o film de estréa de Bert Glemnon com a Tiffany.

卍

Mary Duncan e Ford Sterling, foram, recentemente, accrescentados ao elenco de *Kismet,* que a First National esta filmando, com Otis Skinner, no principal papel.

卍

The Gay Caballero, da Warner, que Alan Crossland está dirigindo, com Victor Varconi, no principal papel, terá Don Alvorado, tambem, em importante desempenho.

卍

Lina Basquette já se divorciou mais uma vez. A victima, deste seu novo accesso de genio, foi o seu ultimo marido, Peverell Marley, conhecido operador de Cecil B. De Mille.

卍

O casal, King Vidor — Eleanor Boardman, acaba de receber mais uma visita de Madame Cegonha...

卍

Para o principal papel de *The Royal Family,* a Paramount, acaba de contractar Ina Claire.

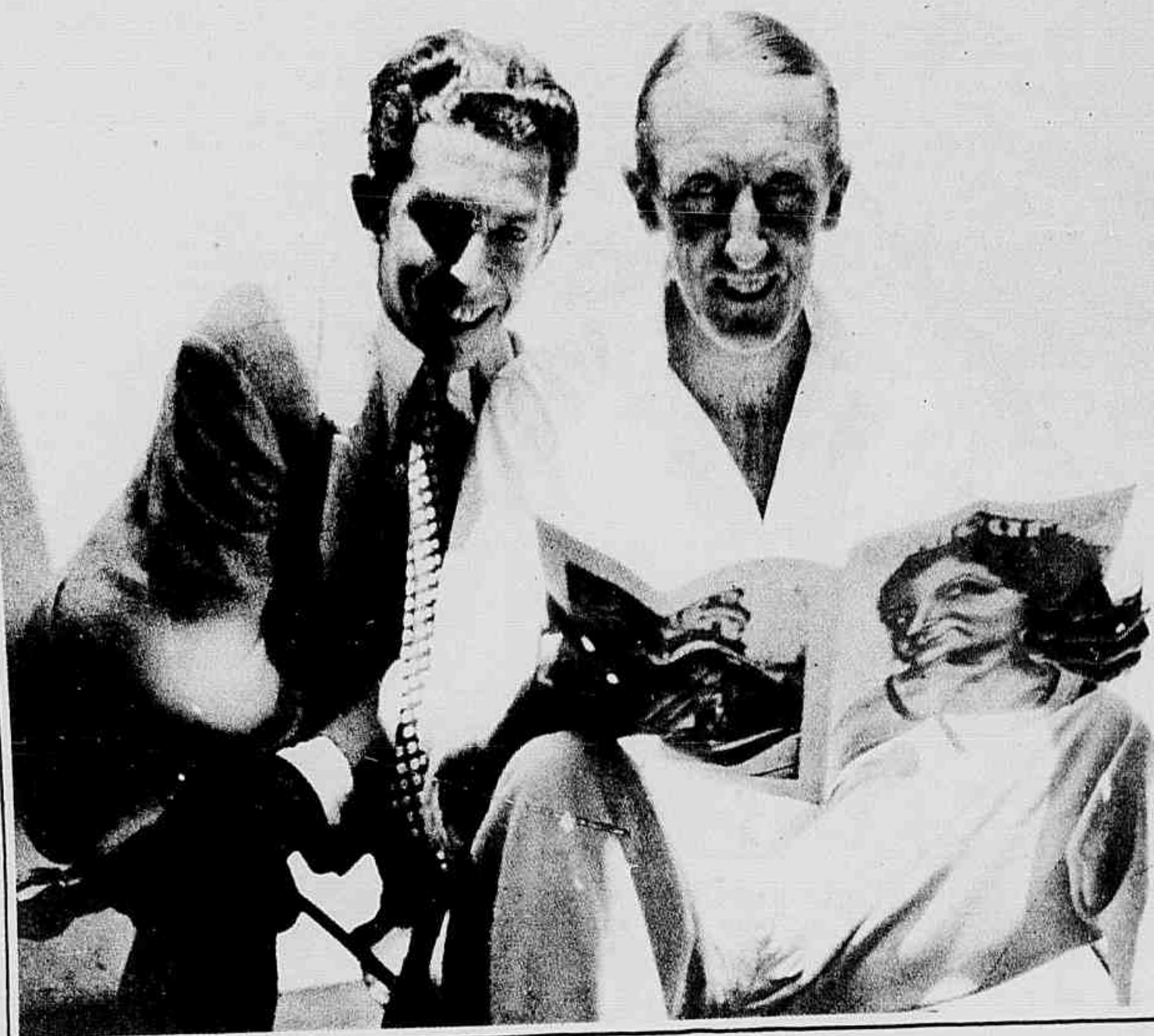
卍

A Fox fez de John Farrow, antigo escriptor de scenarios e dos bons, aliás, mais um de seus directores.

卍

Ernst Lubitsch e Helene L. Lubitsch, sua esposa, resolveram se divorciar. Mais um...

卍

Adolphe Menjou acaba de ser posto sob um contracto de 5 annos, com a M. G. M.

L. S. MARINHO, REPRESENTANTE DE "CINEARTE" EM HOLLYWOOD, EM COMPANHIA DE CLAUD ALLISTER

Uma Entrevista sem Graça...

(DE L. S. MARINHO, REPRESENTANTE DE "CINEARTE", EM HOLLYWOOD)

Eu devo ser muito feliz! Nesta minha vida de jornalista Cinematographico, aos trambolhões, sempre, com gente bonita, artistas que todo mundo admira...

E, para completar minha felicidade, as minhas entrevistas, geralmente, são feitas entre onze e meia e meio dia, quando o sol está crepitando sobre os pobres craneos dos infelizes que, como eu, têm que ser felizes á muque e conversar com estrellas, queiram ou não queiram...

(Nota: as entrevistas, ás vezes, não são com quem a gente quer e, sim, com quem a gente justamente... não quer...)

Pois é isto. Eu, rapaz dos mais felizes, sempre entre **estrellas** e **astros.** Sempre entre Clara Bow e Anita Page. Vendo Joan Crawford e espiando Alice White. Fui entrevistar um artista. Fui, sim... Um artista de... palco! Claud Allister!!!...

Francamente! Confessem! Vocês queriam trocar de lugar commigo? Vir para cá, entrevistar Claud Allister e me deixar ahi, calmamente, lendo **Cinearte?...**

Não creio! Mas... O que fazer? São os chamados **ossos** do officio... Conversa-se com uma Marion Schilling e com um Gary Cooper, ás vezes. Mas, em outras, encontra-se um Claud Allister ou um Joseph Cawthorne...

A conversa foi toda em inglez de sobrecasaca. Isto é. Em inglez fino. Porque Claud Allister é inglez. Mas... Seria preciso este detalhe, quando ahi têm as suas photographias?...

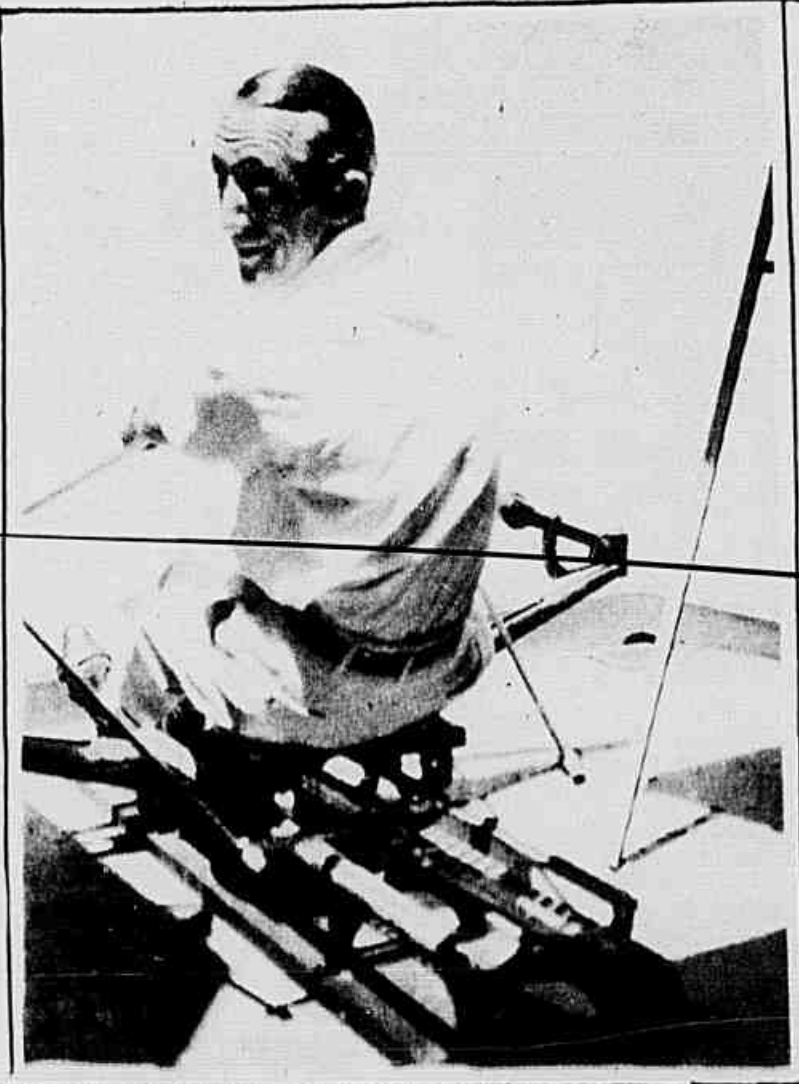
Eu tive a audacia de ir á sua casa, colher as suas opiniões. Lembro-me, vagamente, que me perguntaram se o queria conhecer. Eu respondi que sim, porque, naturalmente, descia a rua do lado opposto Greta Garbo ou Lina Basquette... E, como resultado, tive que cumprir o meu **sim** e... ir!

Esta entrevista resumé-se em tres actos: (o artista é de palco!) primeiro respondi **sim,** inconscientemente. Segundo, foi adiada para o dia seguinte, com enorme satisfação minha. Terceiro, fui...

Agóra, aqui diante da minha machina, estou seriamente preoccupado com o Claud Allister. Não é que elle seja totalmente desinteressante, não. Ao menos elle teve a bôa lembrança de me contar umas anedotas inglezas que, sem duvida, no Brasil, transformaria todos que as ouvissem em genuinos Buster Keatons, mas que aqui, nos Estados Unidos, são realmente formidaveis...

Depois, fallamos sobre o calôr que fazia. Depois, sobre Cinema fallado. Depois, sobre Cinema inglez. Cinema Brasileiro, em seguida e, para terminar, Cinema russo, echo, com certeza, da minha ultima conversa com Eisenstein... A cousa peor da entrevista, no emtanto, foi o calôr. O calôr, aqui em Hollywood, é — vamos calcular — umas duas vezes o do Rio! Serve? Que tal? Querem vir passar o verão aqui commigo?... E, com um calôr assim, éra logico, pouco se aproveitou de toda nossa conversa. Porque, na verdade, mais limpavamos o suor do que conversavamos, realmente...

Nossa prosa, ao todo, durou uns 15 minutos. Sinto-me feliz, escrevendo esta entrevista, porque nem elle e nem o seu publicista lêm **hespanhol**...

+++ Claud Allister é filho de um general. Nasceu na Inglaterra, mesmo. Foi corrector da bolsa e, nas horas vagas, artista amador... de palco, é logico.

Um bello dia, livrou-se das acções e das apolices e, num instante, achou-se com companhia propria, dando espectaculos pelas principaes cidades inglezas. Veio a guerra e, como todo bom patriota, seguio elle com os demais **voluntarios** para o **front.** (O **voluntarios** foi gryphado, porque, nas guerras, ha sujeitos que seguem como **voluntarios** queiram ou não queiram, não é?)

Esteve quatro annos dando tiros e ouvindo tiros. Foi ferido quatro vezes. Esteve em cinco das maiores luctas que se travaram no **front** inglez. Mas, provou, insophismavelmente, que os allemães têm uma pontaria detestavel... Depois do armisticio, iniciou sua carreira de artista profissional e fez umas viagens, com companhias, para a Africa, India e China. Disse-me que fez um successão em Pekim. O maior de que se lembra, mesmo...

Figurou em "Bulldog Drummond" e "Wedding Bells", nos palcos inglezes. E, em 1924, veiu para a America e em "Havoc", no palco, appareceu pela primeira vez ao publico americano num papel comico. Queixou-se, neste trecho, amargamente, da indifferença com que os yankees recebem, quasi sempre, as graças dos comicos inglezes.

Em 1928, appareceu em Los Angeles, figurando na mesma peça e no mesmo papel. Do theatro em que estava, para um Studio, foi um simples salto.

Appareceu, pela primeira vez, ao lado de Norma Shearer, em "O Processo de Mary Dugan" e, em seguida, ao lado de Ronald Colman em "Bulldog Drummond". (Isto de apparecer ao lado, aqui entre nós, não tem a menor importancia. Um "extra", mesmo, pode dizer que "appareceu ao lado" deste ou daquelle grande artista...)

E foi assim que elle iniciou a sua carreira no Cinema. Em 18 mezes de Hollywood, já figurou nos seguintes films: "The Floradora Girl", "Slightly Scarlet", "Ladies Love Brutes", "Three Live Ghosts", "Czar of Broadway", "In the Next Room" e mais alguns que não me lembro.

\+ + +

A sua residencia, é uma casa pequenina. Mas lá não ha amor que nasça e nem tem coqueiro ao lado, tambem... Mas fica bem em cima de um morro e o caminho é cheio de reviravoltas.

Agora imaginem a situação. Uma casa no alto de uma collina. Um artista comico inglez. Listas de peças e films. Dados biographicos. Sob um sol de arrebentar... E' isto a felicidade?...

Usa monoculos sem vidro. E, fazendo-me suspeitar que tivesse descendencia escosseza, não me offereceu siquer um copo... com agua! E' o cumulo, não é?

Fez-me algumas perguntas e, como todos, mostrou-se admiradissimo quando lhe disse que era do Brasil. Elle pensou, pensou, pensou e, depois... quedou silencioso.

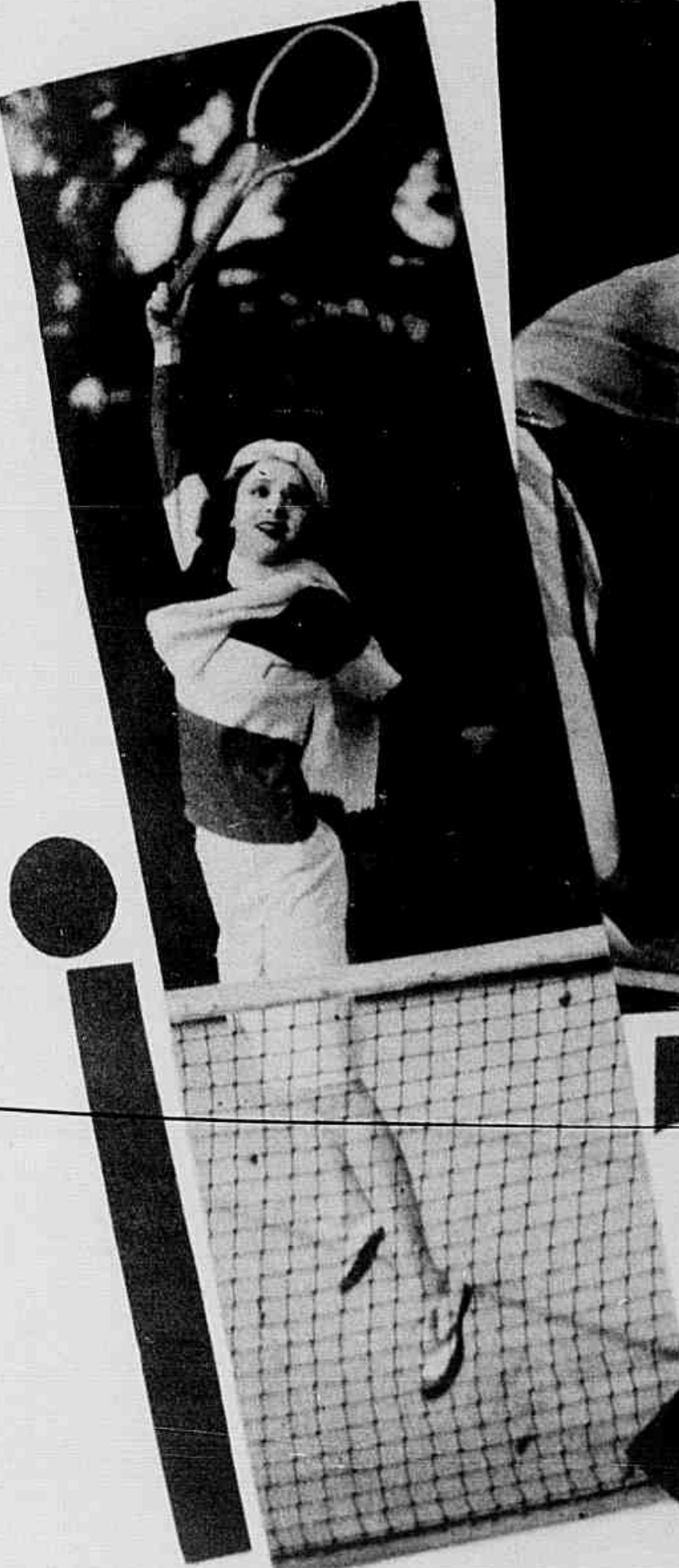
Deduzi, com grande segurança, que elle pensou que Brasil fosse alguma marca de massa alimenticia e que eu o estivesse debochando com alguma pilheria de máo gosto...

Quando voltava, não falei uma só palavra á pessôa que me levou até lá e me apresentou ao Claud.

Chegado em casa, saltei. Quando já ia entrando em casa, furioso, sem olhar para traz ou me despedir, ouvi uma voz que mais parecia um gemido.

— Mr. Marinho, desculpe-me, sim?...

Era tarde.

E não havia mais nada a fazer...

Sharon Lynn... Que dansou e cantou, em "Um Sonho que Viveu" e deixou muita gente acreditando nos "talkies"...

Lupita Tovar chegou a desanimar. De repente os "mikes" começaram a querer ouvir falas hespanholas, tambem e... agora ella está numa evidencia rara!

Lina Basquette quiz se suicidar. Mas porque? Por causa do Peverell Marley? Não vale a pena!... Todo mundo quer tão bem você, Linazinha...

De Hollywood para Você

(*De L. S. Marinho, representante de CINEARTE em Hollywood*)

A Universal convidou-me para ir á um jantar. Lá, sem mais e nem menos, achavam-se, tambem, todos os representantes da colonia hespanhola de Hollywood e, tambem, diversos artistas.

Antes do jantar, porém, houve, uma preliminar que não deixou de ser interessante: filmou-se, diante de todos nós, com os artistas ali presentes, a primeira scena da versão hespanhola de *O Gato e o Canario* que, igualmente em inglez, a mesma Universal está fazendo, reeditando, assim, o seu antigo successo silencioso. O titulo original inglez, agora, em vez de *The Cat and the Canary*, é *The Cat Creeps*, para... differenciar, vá lá!

E' o primeiro film todo falado em hespanhol que a Universal faz e, seu director será o conhecido George Melford. O director da versão ingleza é Rupert Julian que, aliás, com este trabalho, volta á Universal, á qual sempre pertenceu, sahindo, apenas, quando precisava fazer um repouso de nervos...

Antonio Moreno, Lupita Tovar, Agostinho Borgato, Conchita Balestero, Andrés De Segurola, Maria Calvo, Paul Ellis, Solidad Jimenez e Robert Gustman, são os principaes. Isto é. Os *eternos* principaes. Porque, até hoje, Antonio Moreno, De Segurola, Maria Calvo e Solidad Jimenez têm figurado em quasi todos os films falados em hespanhol que se fizeram em Hollywood...

Paul Kohner, gerente geral da producção estrangeira da Universal, garantiu-me que, se possivel, alguma cousa se faria em Brasileiro para o nosso paiz. Mas disse, em compensação, que as possibilidades favoraveis, neste caso, eram reduzidissimas... Isto quer dizer, é logico, que, emquanto o Cinema Brasileiro não enfrentar de vez o film americano, apresentando, ao publico, films que sejam o que o publico realmente quer, terá o Brasil que ouvir, ainda, uma infinidade enorme de *talkies* em inglez, allemão, francez e mesmo hespanhol...

Ao meu lado, no jantar, emquanto eu destrinchava calmamente o meu pedaço de gallinha, ia o De Segurola contando os bons tempos que passara no Brasil, quando das vezes que ahi estivera, com diversas companhias. E, por falar nisso, era a terceira vez que me apresentavam ao celebre barytono... Lupita Tovar, por sua vez, comendo mais do que todas as outras, pedia, á sua secretaria , no extre-

(Termina no fim do numero)

Antonio Moreno, que figura em 100% dos films 100% falados em hespanhol...

Marian Nixon, que, agora, está fazendo um successo louco nos "talkies". Ao lado está ella com uma caixinha que guarda, religiosamente e com a sua primeira carta de "fan", tambem

Eu não Escolho

Cecil B. De Mille ensaiando uma scena de "Madam Satan". Elle diz que nunca teve uma mulher bonita num seu film...

— Eu nunca escolhi uma mulher bonita para um principal papel num meu film!

Disse-nos Cecil B. De Mille. Cecil B. De Mille, o homem que mais estrellas tem criado, no Cinema, e o director dos films mais luxuosos e mais interessantes que, até hoje, tem o Cinema feito.

Nenhuma mulher bonita? Que affirmativa extranha! Sem querer, é logico, correm á lembrança da gente, logo, Gloria Swanson, Nita Naldi, Leatrice Joy, Agnes Ayres, Estelle Taylor...

E elle me olha. Estamos no seu *bungalow* estylo hespanhol, no Studio da M. G. M., e elle sorri á minha extrema surpresa.

— Mas... Aqui está a razão e o miolo de toda a historia! Todas as minhas artistas principaes tiveram, até hoje, a estupenda habilidade de crear a *illusão* da belleza! Sarah Bernhardt e a Duse, foram exemplos do que quero dizer com isto. Bernhart, toda sua vida, foi admiradissima e seus desempenhos, todos, eram considerados classicos. Mesmo nas vesperas de sua morte, com perna de páu e com o rosto todo encarquilhado, poderia ella, se quizesse e pudesse, ir á um palco e, com o seu extraordinario poder de illusão, dar a exacta impressão de ser ella uma perfeita *Dama das Camelias*... A força da illusão, é, sem duvida, mais bonita do que a propria belleza!

Depois de uma pequena pausa, continuou elle.

Lila Lee, a pequenas dos amores infelizes...

Jetta Goudal, que elle chama de "cocktail" de mil emoções...

Gloria Swanson, que elle viu, pela primeira vez, numa comedia Mack Sennett, tomando um pastelão na cara...

— No mercado da vida, hoje, a belleza é uma das mercadorias mais baratas. E' tão barata, mesmo, que nenhum ou quasi nenhum valor tem.

As ruas de Hollywood, os restaurantes, os passeios publicos, estão cheios de pequenas bonitas. E a objecção que ponho ás bellezas, para os principaes papeis dos meus films, explica-se em poucas palavras. As mulheres realmente bonitas, geralmente, têm uma enorme pose e são demasiadamente paradas, inertes. Não podem reflectir as emoções e as paixões, em suas physionomias, com os seus rostos placidos e classicos, na extenção da palavra. Consciente ou inconscientemente, toda mulher bonita tem esses mesmos defeitos. Sem querer, mesmo, toma ella attitudes classicas. Ella se move glacialmente e não mostra um vislumbre do fogo

Kay Johnson, a garganta de ouro e o distincção sem par.

Leatrice Joy, sympathica e delicada.

Vera Reynolds, a "melindrosa" por excellencia.

Julia Fave, os pés e tornozellos mais bonitos de Hollywood.

Bebe Daniels, flôr exotica de raros predicados.

MULHERES BONITAS

a grado que anima as vidas erdadeiras, que vivem, amam soffrem! Sendo bellas, como ão, na vida não procuram naa conseguir e nada se lhes figura luta, propriamente. Ellas acham que a belleza que êm é o sufficiente!

— Existem, sempre, nas nfancias dessas lindas creaturas, pessoas maldosas que lhes dizem, sem escrupulo, que os borrecimentos e as emoções fortes destróem a belleza. O resultado é fatal: ellas jamais se esquecem desse conselho! E isto, por si só, já basta para arruinar toda a sua carreira de artista, se é esta que ella escolhe para viver. Antes de mais nada, uma artista deve ser sufficientemente habil para sentir e mostrar, na physionomia, todas as suas emoções. As reacções que ella reflicta, em seu rosto, devem ser expontaneas. Uma mulher bella, não pode realizar isso. Ella tem, sobre si, como que uma armadura de aço que as impedem de realizar qualquer dessas cousas, sahindo, assim, de suas perfeitas almas.

— Todas as pequenas que escolhi, para os principaes papeis dos meus films, tinham qualquer cousa que as distinguiam das outras pequenas. E' logico, não preciso dizer, ella deve, antes de mais nada, ter qualquer cousa que, logo á primeira vista, chame a attenção sobre todas as outras. Essas pequenas, todas, representaram qualquer cousa para mim. Possuiam alguma cousa, em si, que não podiam occultar. Qualquer cousa de suas proprias naturezas, qualquer qualidade, em summa, que me chamava logo a attenção e que não podiam occultar, nem que quizessem. Eu apanhei pequenas assim. E, vestindo-as de accordo com as visões que tinha, quando as vi, transformava-as, aos poucos, nas creaturas que a téla ia mostrar, depois e fazer com que os outros as chamassem de *bellezas*, pelo poder creador da *illusão*.

Realmente, quazi todas as artistas que De Mille escolheu, assim, continuaram, depois, fazendo successo, justamente dentro dos papeis que lhe deu Cecil B. De Mille, no primeiro film em que as usou. Mais adiante, na nossa conversa, De Mille disse-me, fervorosamente crente, que os olhos— espelhos da alma— são a cousa de maior importancia numa artista.

— Não são muitas as verdadeiras bellezas que têm olhos realmente bellos. Existem algumas com olhos estupendos, mesmo, mas que, para o Cinema, não têm a menor aplicação. Uma mulher acostumada á vida de bom gosto, ao luxo, tem olhos forçosamente mais interessantes do que as outras. Têm, estas, olhos que, para as *cameras*, dizem muito!

— Outra cousa que considero capital, numa mulher, são pés bonitos. E' a proporção e não o tamanho que fazem um pé bonito. Os antigos calçados transformavam qualquer pé em aleijão, quasi, por causa dos calçados. Os calçados modernos, praticos, auxiliam a saude e fazem dos pés verdadeiras bellezas. Os verdadeiros pés, como as verdadeiras mãos, precisam ser bonitas ao extremo, para um successo completo, na carreira.

Sobre este assumpto de pés, conta-se um incidente divertido dos tempos em que Cecil e seu mano William trabalhavam nos Studios da Paramount, em Vine Street. Achavam-se elles sentados, no restaurante, quando viram, subindo uma escada, uns pés perfeitos e uns tornozellos admiraveis.

— De quem são?

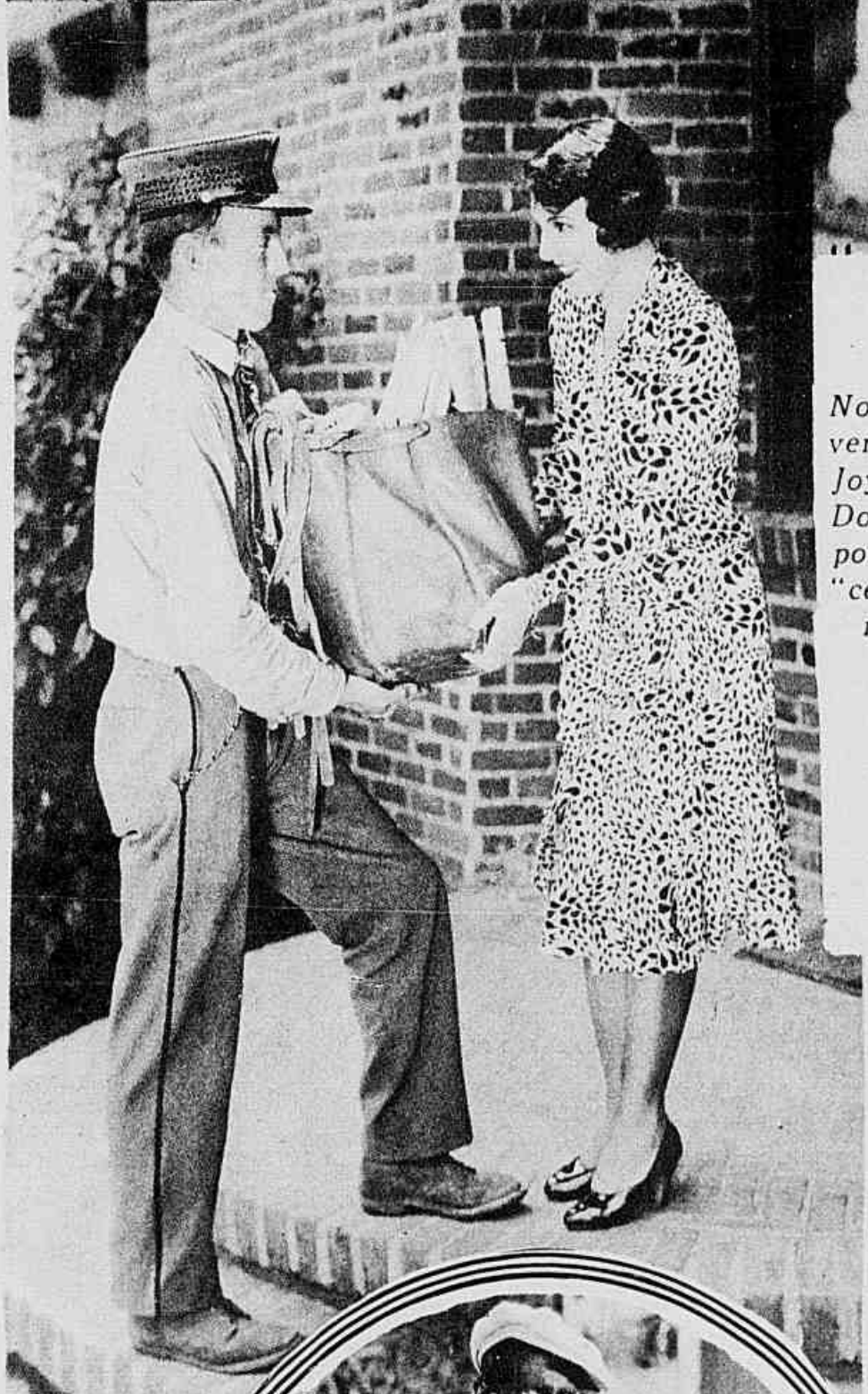
Perguntou Cecil, não tirando os olhos do objecto sagrado...

— São de uma pequena de New York, do *Follies*, chama-se Nita Naldi.

E, sem mesmo ver o rosto, pois não o tinham visto, mesmo, De Mille a contractou para trabalhar em *Os Dez Mandamentos*, no papel que tornou, mais tarde, famosa a Nita Naldi.

Gloria Swanson, das mulheres que De Mille applicou, em seus films, é, sem duvida, hoje, uma das figuras de mais realce e successo. A primeira vez que a viu, foi quando tomava ella, numa comedia Mack Sennett, com um pastellão pelo rosto. Sem duvida uma attitude nada suggestiva para uma artista que, mais tarde, iria deslumbrar á muitos pela sua distincção, não acham? Quando elle avisou os productores que havia escolhido aquella banhista do pastelão para o principal papel de *Não troqueis de Esposos*, houve quasi que um desmaio geral no Studio. Elles achavam, sem mais delongas, que ella seria um fracasso. Porque, olhando-a, nada percebiam do que De Mille havia visto, debaixo de todo aquelle pastelão que lhe arrumaram, justamente no instante em que elle por ali passava.

— Eu escolhi Gloria Swanson, pela sua extraordinaria força dynamica de expressão. A direcção mais obtusa a poderia fazer representar bem. Depois que terminei o film e o exhibi em secção privada, para os mesmos productores, lembro-me como se fosse hoje, ninguem mais disse que eu andára mal ou errado. Gloria Swanson não tem nada de

(Termina no fim do numero)

Norma Shearer, Dorothy Gulliver, Marion Davies, Leatrice Joy, Fay Wray e Wallace Mc Donald recebendo suas correspondencias. Mas . . . quantos "cents" pedem, depois, pela remessa da photographia? . . .

Sue...

Ha dois annos passados, Sue Carol, em Hollywood, era a "heroina" mais em evidencia. Em popularidade, ella conseguira, mesmo, o quarto ou o terceiro lugar. A sua correspondencia de "fan", no Studio, era superior á de Janet Gaynor, mesmo. E, isto, note-se, justamente quando Janet estava no seu apogeo. Sue, no emtanto, sem ser "estrella", era das maiores figuras de successo, no Studio.

Quando ella deixou Douglas Mac Lean — quebrando o seu contracto absurdo de cinco annos com elle — ella teve, em geral, todos os Studios a pedirem os seus serviços. Não houve, mesmo, um só que não a chamasse e que lhe propuzesse estudarem um contracto. Ella escolheu a Fox. Porque a Fox lhe propoz 1.250 dollars por semana, quando Douglas Mac Lean apenas lhe pagava 300...

O seu actual contracto com a R K O, no emtanto, marca-lhe vencimentos de 1.500 dollars por semana e, ainda, com outras possibilidades...

Agora, no emtanto, Sue acha que está principiando, realmente. Ella nos disse, sinceramente, que agora, sente-se como se jámais houvesse estado no Cinema. Parece-lhe que está começando de novo!

— Tenho que construir tudo de novo! Mas preciso construir tudo, de novo, em alicerces fortes e resistentes...

Isto diz ella, hoje, depois de Hollywood — a Hollywood terrivel que parece sonho mas é pesadelo — lhe ter pregado a peça. Sue tomou, de Hollywood, uma severissima lição.

Felizmente, para ella, a sua grande docilidade triumpharia, com certeza. Ella era, antes de mais nada, uma das pequenas mais bonitas, mais distinctas e mais interessantes do Cinema. Depois de "Soft Cushions", que fez com Douglas Mac Lean, pulou para o posto de uma personalidade, mesmo, sem fazer as etapas que muitas fazem, forçosamente.

Depois, fez outros films. Silenciosos, mesmo. Não foram bons esses films. Mas Sue era sempre um encanto e, assim, salvava a situação. Era, mesmo, a sua personalidade a emergir de tudo aquillo.

E, finalmente, chegaram os "talkies". Os "talkies" que, para muitos, têm sido verdadeiras catastrophes irremediaveis...

Sue Carol não dansava. Não cantava. Jamais tivera um simples experiencia de palco. Mas, apesar disso tudo, ella não se importava. Todos corriam aos professores e procuravam educar suas vozes. Mas Sue... Para que haveria ella de correr aos professores e educar sua voz?...

Não que ella fosse ambiciosa. Porque, afinal, ambiciosos, todos são. Mas é que ella não comprehendia, claramente que situação era essa que se desenhava diante della...

Não se podia esperar aquillo. E' verdade que havia acontecido o mesmo a Olive Borden, e depois, o mesmo a Madge Bellamy. Mas... aconteceria, ainda, o mesmo a Sue Carol?...

— E não temia o trabalho. Mas eu não comprehendia a necessidade premente de um trabalho muito maior, muito mais forte. Fui a um professor. Mas desisti, logo, porque elle, immediatamente, tentou guiar-me para um sotaque inglezado com o qual impliquei solemnemente...

E, na verdade, agiu bem. Porque, diga-se, era um crime Sue Carol falando com sotaque inglez, não acham?

— Sempre fui acostumada a fazer tudo pela minha força de vontade e, quando queria, conseguia. Se, durante toda minha vida, nada me tinha sido impossivel, seria que naquelle instante, com os "talkies", eu naufragaria? Minha vida, sempre, vivi aos trancos, pode-se dizer. A maneira pela qual eu cheguei á California é um exemplo flagrante que estou dizendo. Minha mãe embarcava ás 11 e 15, para Chicago. Eu, ás 11, para a California. No ultimo momento, decidi não ir. Segui com minha mãe, para Chicago e, no dia seguinte, quando cheguei a Chicago, comprehendi que tinha errado e, immediatamente, apanhei o proximo trem para Los Angeles... Eu é que nunca parei, para analysar minha vida. Mas, sinceramente eu creio, ella sempre foi assim. Agitada, aos pulos e de uma inconstancia tremenda!

— Os films vieram ao meu encontro, sem que eu os esperasse. Elles me pediram que assignasse um contracto. Eu nada lhes pedi. Mesmo na escolha de merido, fui assim. Uma noite, no Ambassador, eu apreciava Nick dansando. Depois, pensei commigo: que bello lar teria eu com elle, não? E, quando elle me olhou e nós fizemos camaradas, já tinha minha idéa fixa, nesse sentido.

— Eu sempre quiz triumphar, nos films. Eu sempre quiz figurar em grandes films mas... eu esperava que elles viessem á mim. Eu, confesso, não os procurava...

— Trabalhando, sempre fui correcta. Mas, na verdade, comprehendo apenas hoje que não era trabalho o que me davam a fazer... Eram palhaçadas ou brincadeiras infantis... E foi por isso que, quando realmente eu tive que representar, aconteceu alguma cousa... Que me poz de coração partido e que me deu animo novo. Para o film "The Big Party", eu devia ter o principal papel, isto é, o papel de heroina. No momento de começarmos, trocaram tudo. Deram-me o papel de Dixie Lee e, ella, tomou o meu... Aquillo quebrou meu animo todo. Não podia comprehender porque é que faziam aquillo commigo. Não era por causa de Dixie que eu me sentia tão infeliz, não. Porque, até agora, eu estimo demais a Dixie. E, em parte, senti-me feliz por ter sido ella a representar aquelle papel. Eu tive meu coração partido, pelo canalhismo que fizeram commigo, apenas e, isto, jamais eu esquecerei!

Sue conta um pouco de sua vida. Desillusões, alegrias, coisas de Hollywood.

(Termina no fim do numero)

O Porto do Inferno

(F I M)

vral-a disto tudo esta ilha, tambem, de tão má gente...

\+ \+ \+

No dia seguinte, quando Bob Wade procurou Horngold, para negociarem com as perolas, crentes estavam elles que a seducção de Anita déra resultados satisfatorios. Mas Wade foi energico e pediu uma importancia razoavel, pelas perolas, mas, para elles, exageradissimas, em virtude dos seus habitos de trapaceiros e exploradores do bem alheio. Reagiram. Tentaram convencer Bob Wade por menos. Fizeram tudo para que elle deixasse o seu ponto de vista. Até que Bob fingiu se aborrecer e retirou-se, dizendo-lhes:

— Não faço questão. Embarco hoje e alcanço, daqui ha semanas, em porto melhor, muito mais dinheiro do que isso...

Quando elle se retirou, Horngold e Morgan, tiveram uma phrase, quasi que instinctiva.

— Tem muito dinheiro esse rapaz... Será até caridade alivial-o da carga...

\+ \+ \+

Anita, que tudo ourira, correu ao barco de Bob.

— Elles o querem matar e não demorarão por ahi, Bob!

Mas havia luar. Os nativos, espalhados por aqui e ali, pelas praias, cantavam. As guitarras, gemendo, trahiam soluços de almas que sonharam e almas que se diluiram em melodias de mel... Anita ficou nos braços de Bob. Ambos ouviam as canções. Ella tambem cantou. Esqueceram-se um pouco daquellas lutas, daquellas façanhas, daquelles horrores. Mas Bob, quando Anita mostrou desejos de voltar, jurou-lhe, apaixonado ao extremo, que a protegeria contra o que quer que fosse e que a levaria dali, para sempre.

Grata, Anita só teve uma lembrança. Tirar as joias a Horngold, todas e trazel-as para Bob. Era a unica maneira de se mostrar grata...

\+ \+ \+

Horas depois, Horngold procurava Morgan, enfurecido.

— Vem cá, animal ordinario!

Morgan seguiu-o. Chumbiado e pesado de vinho.

Lá dentro do escriptorio de Horngold, começou a discussão.

— Aquelle cofre aberto, seu canalha, explique!!! Aonde estão as minhas joias?...

— Que joias?

— As perolas todas que venho comprando ha mezes?...

— E eu que sei!

— Sabes, sim, féra estupida!!!

Agarrou-o pelos cabellos, atirou-o ao chão.

— E vaes prestar contas dellas e já!

— Nada roubei, Horngold! Mas tu é que estás com esses planos para não me pagares aquillo que me deves.

— Eu? E o que é que eu te devo? A morte do "Perneta"?...

— Não fales mais nisto, Horngold...

Uma bofetada estalou. Era Horngold que agredia Morgan.

Ao estalido da mesma e ao seu effeito, Morgan como que, despertou do lethargo em que se achava immerso. Ergueu-se e, num instante, cégo de colera, comprehendeu que era aquelle o momento de se desforrar de tudo quanto aquelle homem lhe havia feito. Investiu cegamente para Horngold. Este, recuou. Apanhou o chicote, atirou uma chibatada. Morgan agarrou o chicote, arrancou-o das mãos do outro. Foi ahi que Horngold comprehendeu a sua real situação. Afastou-se, apavorado, porque conhecia a resistencia dos musculos do seu adversario e, num supremo esforço, arrumou com os dois pés pela cara de Morgan. Este vôo longe. Mas quando Horngold já se preparava para fugir, as mãos de Morgan cahiram sobre sua guéla, pesadamente.

Minutos depois, nas mãos Morgan segurava um cadaver...

\+ \+ \+

Quando Anita entregou as perolas a Bob, este a censurou. E, depois, pensando mal della, accusou-a de estar levando avante um plano de seu proprio pae, para o apanhar.

A revolta de Anita, foi justa. Num salto, achou-se ella em terra, novamente e, rapida, seguiu para sua casa.

Bob não a acompanhou. Mas "Spotty", sem que ninguem lhe mandasse, seguiu-a, porque tinha pena della e comprehendeu que Bob fôra precipitado.

Em casa, Anita encontrou Morgan ainda fóra de si e meio amalucado pela bebida e pela idéa de ter assassinado Horngold.

Quando a viu, interpellou-a, brutalmente.

— Olha! Se me dizes á alguem que eu matei Horngold, mato-te, comprehendes!

Spotty, ouvindo a ameaça, correu immediatamente á procura de Bob. Era preciso que alguem viesse para protegel-a e elle pensou que, naquelle instante, mesmo, Morgan já estivesse consumando seu plano de féra.

Quando vieram, todos juntos, não mais encontraram Anita ou Morgan. Tudo deserto, dirigiram-se para a casa de Horngold. Lá, todos entraram. Na sala de Horngold, Bob descobriu apenas o seu corpo horrivelmente transfigurado, mostrando as dores terriveis do seu estrangulamento.

Sahiu. Entrou, logo adiante, pelo cabaret local a dentro. A primeira figura que viu, foi Morgan.

— Você matou Horngold!

Berrou-lhe Bob. A resposta foi um tremendo murro. E, num instante, ferrou-se uma luta medonha, terrivel, em que todos entraram e da qual muitos até pagariam para sahir...

Mais tarde, Bob livrou-se daquillo. Voltou para seu bote. E, antes que mais complicações surgissem e não tendo encontrado nem vestigios de Anita, fez-se para o mar.

Lá, quando a luz sahiu, elle viu dois vultos que se mechiam, sob a lona que cobria os barcos salva-vidas.

Correu para lá. Intimou-as a sahir.

Eram Anita e Spotty. Este a havia encontrado e a trouxera para bordo, para o esperar, emquanto elle se livrava daquella enrascada toda...

Spotty foi dormir, sim, porque estava muito cançado...

No tombadilho deserto, só ficaram os beijos ardentes que Anita e Bob começaram a trocar, soffregos e apaixonados como nunca...

Futuras Estréas

(F I M)

para agradar. Lois Wilsone Lawrence Gray formam o par e defendem admiravelmente os seus respectivos papeis.

SLUMS OF TOKIO (Chochijo Film Co) — Annunciaram, "isto", como a maior obra prima do Cinema japonez... Se é isto que elles chamam Cinema, lá no Japão, então temos que confessar, sinceramente, que é horrivel! Insupportavel, mesmo! A arte do Cinema, justamente é a sua linguagem universal: a das imagens. Este film conta as aventuras detestaveis de um irmão e uma irmã, no "underworld" japonez... A representação, para os japonezes, é fazer caretas horriveis e... nada mais!

Eu não escolho mulheres bonitas!

(F I M)

bonita. Seu nariz, um verdadeiro contrasenso em materia de belleza classica. E', justamente, uma das suas cousas mais interessantes e admiraveis. A "illusão" de belleza que dá, no emtanto, é formidavel e supre todas as suas possiveis defficiencias physicas.

Com olhos lindos, pés perfeitos e tornozellos admiraveis, que mais podia se esperar de Gloria Swanson, sinão o successo?

. Bebe Daniels, por sua vez, foi tirada de uma comedia de Harold Lloyd para um importante papel num film de De Mille. Elle comprehendeu, num relance, o exotimo todo da personalidade daquella pequena e, sem maior delonga, pol-a num papel importante de "The Affairs of Anatol", ao lado de Wallace Reid e Gloria Swanson, os principaes.

Depois deste film, seguiram-se successos e mais successos, todos sob as bases traçada por Cecil B. De Mille.

Para "Saturday Night", De Mille escolheu Leatrice Joy, diz elle, pela sua naturel gentileza e educação. Depois deste film, com ella, fez "Homicidio" (Manslaughter) e, ainda, muitos outros films de successo. Acha elle que ella é uma extraordinaria artista e que dá uma perfeita illusão de belleza, tambem, além de ter olhos perfeitos e pés notaveis.

Vera ,Reynolds, elle escolheu, para seus films achando-a o expoente maximo do melindrozismo.

Wanda Hawley, em épocas mais remotas, porque, diz elle, personificava ella, naquelle tempo, a mais radiosa mocidade.

Lila Lee, elle a escolheu, pela sua decidida vocação para papeis de amores infelizes, como ZaSu Pitts, para "Macho e Femea".

Jetta Goudal, De Mille a define como "cocktail de todas as emoções". "White Sand" e "Paris at Midnight", diz elle, são provas de que ella era extraordinaria.

Mais tarde ella o accionou por quebra de contracto...

Florence Vidor, que elle usou em "Esposas velhas por Novas", foi escolhida pelo seu typo aristocratico, distincto. E, diz elle, tomou ella este papel tão a serio que, dahi para diante, quiz se tornar uma, mesmo, a ponto de falar com accento Inglez e tomar, para marido, um violinista de fama universal, para, assim, melhor poder encobrir o seu passado "vulgar" de artista de Cinema...

— Katherine Mac Donal, das que escolhi, foi a unica realmente bella, na extensão da palavra. Eu apenas a usei num film: "The Squaw Man" e a sua carreira nos films não foi muito comprida...

— Considero Agnes Ayres quasi uma belleza. Muitos me dizem que Gloria Swanson é mais bonita do que ella. Mas eu acho, sinceramente, que Agnes era mais bonita que Gloria. Fui eu que dei o primeiro papel dramatico á Lois Wilson, em "Homicidio". Antes disso, nada mais ella tinha feito do que papeis agua e assucar. A personalidade das artistas, no emtanto, é uma cousa que sahe da alma. A belleza, vem do physico. Venus, em Hollywood, não passaria de uma simples "extra"... São precisas umas tantas combinações que, afinal, venham a dar num determinado ponto que é, justamente, aquelle que se faz necessario.

— Alice Terry começou sua carreira, pode-se dizer, depois de "Esposas Velhas por Novas". Achei-a uma esplendida personalidade. Era dona de uma belleza delicada e sensivel á "camera".

— Julia Faye, escolhi-a quando passeava, um dia, por um dos "sets" de Wallace Reid. Ella representava uma scena. Achei-a com qualquer cousa interessante e, dahi, para diante, sempre a usei em meus films. Ella é uma esplendida comediante, mas precisa, tambem, ter um pequenino "touch" de caracterização nos seus desempenhos. O seu maior papel, na minha opinião, foi o de "Mariusha", no "Barqueiro do Volga", fazendo aquella revalucionaria selvagem.

Note-se que Julia Faye, das artistas de De Mille, é a dona dos pés mais bonitos e dos tornezellos mais perfeitos que Hollywood conhece.

— O nascimento dos "talkies", trouxe, para este senso de belleza, mais um factor. Agora, então, a belleza classica não é mesmo mais neccessaria. A unica belleza que se suporta, hoje, é a belleza da personalidade, transmittida pela voz.

— Antigamente, um director ou um productor, podiam apanhar uma pequena vulgar, mesmo, e, della, fazerem uma "estrella". Mas hoje, com os "talkies", só mesmo meninas bem educadas e com educação sufficiente é que podem ser utilizadas.

— Isto, porque entre a voz de Kay Johnson, por exemplo, e a de uma pequena sem educação vocal alguma, é a mesma de uma samphona para um orgão. Isto, porque a falta de educação se trác, logo, no sotaque da artista e, assim, é preciso utilizar-se gente que tenha educação, acima de tudo.

— E' mais difficil escolher-se um elenco, hoje, do que hontem. O artista principal, hoje, precisa ser um pantomimista excellente e um "falador" perfeito. Caso contrario, não agradará. O meu conselho, sincero, á todo aquelle que quizer tentar os "talkies", é um: eduque-se. E, depois, tudo será facil.

Foram as ultimas palavras que nos disse De Mille, um dos maiores Creadores de Belleza do Cinema. Sem duvida muitas das cousas que affirmou são exactas...

De Hollywood para você...

(F I M)

mo da mesa, que lhe ditasse os preceitos de diéta que estava seguindo... E Roberto Gusman, parecidissimo com Maximo Serrano, fazia-me lembrar mais do Brasil do que todo o palavrorio do Conde Andres De Segurola... Ah, Cinema Brasileiro!!!

Para não faltar á praxe, tambem estava presente o Dante Orgolini, nosso Patricio muito conhecido... E, tambem para mostrar que tem bôa memoria, não deixou de recitar o seu classico, celebre e conhecidissimo "Seccion Clerical", que eu já ouvi umas mil e muitas vezes...

\+ \+ \+

A M G M está com vontade de fazer falatorio em Brasileiro para um film de cães que está confeccionando. Mas... ahi está um film que ficará muito mais comprehensivel na versão "original", não acham?...

A Fox, a First, a Warner e a Pathé, já declararam que farão muitos films falados em hespanhol. Mas não pensam em fazer falado em Brasileiro. Porque, naturalmente, todas ellas pensam que aqui comprehendesse facilmente o hespanhol...

\+ \+ \+

As fabricas queixam-se, ultimamente, que o publico não está retribuindo, á altura, o dinheiro que ellas estão gastando na confecção dos "talkies". Mas não é esta a verdade. A verdade, pura e crúa, é que telles deixaram de fazer bons films, silenciosos, que todo mundo comprehendia e, assim, têm, com falas e ruidos, afastado 40% do publico que frequentava Cinemas.

\+ \+ \+

Uma das razões que os productores allegam, como basicas para o afastamento do publico dos Cinemas, actualmente, é a mania moderna: os campos de golf em miniatura. Um jogo novo que está ficando mais popular do que o meu saudoso jogo do bicho... E, bem por isso, as empresas de films já pensam em adquirir grandes porções desses "campinhos", para explorarem, assim, ganharem dinheiro pelos dois lados...

(Termina no fim do numero)

Pauline Frederick, que nos deu "A Ré Mysteriosa", "A' Mingua de Amor" e tantos formidaveis films silenciosos dos bons tempos... Agora está nos "talkies", com a Warner Bros...

O Publico quer Realismo

(Conclusão do numero anterior)

Sete minutos depois, King dizia que estava bem. E como Charles Lane demorasse a me tirar, porque me esperava, elle começou a se preoccupar-se e a pensar que eu estava morto... Ahi, então, chegado ás mãos de Lane, sahi calmo debaixo dagua. Desde ahi o King aprendeu a respeitar as minhas qualidades de mergulhador...

+ + +

Assim, aqui estão as experiencias de alguns artistas. Mas, creiam, todos os outros, para o realismo dos films, já terão dado muito da sua soude e bastante da sua coragem para conseguir convencer o publico do realismo da scena que estão vivendo...

O Julgamento de Clara Bow

(FIM)

ta. E' provavel, no emtanto, que os rapazes que assistam meus films tenham tentação de me abraçar, de me beijar, mesmo. E que sintam, mesmo, com determinadas situações dos meus trabalhos, emoções mais fortes do que as normaes. Mas, passado que fosse o film, que mal lhes poderia advir disso? Apenas bem, quero crer. Porque elle passaria a querer mais bem sua noiva ou sua namorada, achando-a parecida commigo e, tambem, sentiria mais agradavel a vida. Se alguem me disser, cara a cara, que a attracção sexual é uma coisa immoral, eu direi, tambem, com toda a sinceridade que immoral é a imaginação que assim torce a verdade dos factos.

(O publico, á ultima palavra de Clara Bow, esqueceu-se de Juiz, de tudo e prorompeu em violenta acclamação ás palavras da mesma. O ambiente era de grande enthusiasmo pela continuação da discussão, tão brilhantemente defendida por Clara Bow...)

ACCUSADOR" — Hum... Han... Tshk!...

(E nada mais conseguiu dizer. Nem ousava erguer os olhos em direcção á Miss Bow. Todos já o vaiavam, quando ella continuou, com algumas palavras mais).

ELLA: — A' todos aquelles que tão pacientemente ouviram e assistiram meu julgamento, eu quero dizer, sinceramente, que toda a moça devia ter um pouco de attracção sexual. Nada a prejudicaria, isto é, pelo contrario, muito mais interessante e cheia de vida ella se tornaria. O "it" não é vulgar, não. E', antes, a fórma mais original de se formar uma personalidade realmente agradavel á todos. Todos têm "it". Uns menos, outros mais. Soffrem e naufragam, aquelles que não têm nenhum e querem ter mais do que os outros todos... Se, por acaso, houver alguem ou alguma que queiram beijar, quando a virem ou o verem. Creiam e notem que é "it" que as mesmas ou os mesmos têm. "It", apenas, que os tornem mais interessantes e mais fóra do commum. Acham que mereço ser culpado por ter nascido com attracção sexual?...

As respostas de "não!" berradas por todos, quasi em unisono, quasi ensurdecem os circumstantes. O Juiz entrega a rapadura e felicita a accusada. O accusador, antes que alguma o attingisse, precipita-se pela sahida mais proxima e o publico, todo, num só impeto, põem-se a cantar, com Clara Bow á frente, o hymno do "it", cujas letras não conseguimos lembrar, até agora...

SUE...

(FIM)

— Eu já havia, na minha vida, encarado a amargura cara a cara. Mas, era a primeira vez que, ao lado da amargura, eu tomava aquelle choque assim brutalmente atirado ao meu amor proprio. E ninguem pode imaginar como eu era tratada naquelle Studio! Os electricistas, os operadores, todos! Queriam-me muito bem e sentiram, tanto quanto eu, aquella violenta bofetada.

Elles me cercaram, emquanto eu fazia o meu papel, no film, de todo conforto possivel. Mas um conforto que, sem que o quizessem, mais se assemelhava á uma esmola do que á outra cousa qualquer, mesmo... Eu não vi o film, depois de prompto e nem o quero ver! Não "posso"! E' demais! Foi, durante este film, que, pela primeira vez, "representei" um papel authentico. Porque, sorrindo sempre, eu tinha vontade de chorar, noite e dia, a minha pobre humilhação. E, aquillo me doia, principalmente porque eu comprehendia que elles me haviam trahido e eu, de mãos presas, nada podia fazer: tinha que me conformar e tinha que trabalhar, no "mesmo film", em um papel de terceira cathegoria...

— No meu primeiro impeto, procurei meu advogado, Jack O'Melveny e falei tudo com elle. Quando terminava a ligação e ia largar tudo, Nick, que se achava escondido atraz de mim, fez-me cocegas, para me alegrar. Eu dei um salto e, com o impulso, sem que pudesse me conter, arrumei o phone do telephone na minha bocca, partindo sem que o quizesse, dois dentes da frente. No dia seguinte, não me sentia com forças de comparecer ao Studio, para o trabalho. Eu sabia, perfeitamente, que iria me martyrisar. Não quiz ir! Mas, como eu havia ameaçado de abandonar meu trabalho e, assim, havia posto o pessoal da fabrica de sobre-aviso, não quiz deixar de ir, para que elles não pensassem que eu levava avante o meu plano e, assim, procurassem ainda mais mal me fazer. E fui. Lá, emquanto ensaiavamos, eu não abria a bocca. E, quando chegava a scena, falava, procurando apenas apparecer de perfil e falando o menos possivel, para que não se percebesse claramente o defeito dos meus dentes partidos. No dia seguinte, mandei um dentista especialista collocar os dentes, rapidamente e, assim, não precisei faltar ao meu serviço e, assim, deixar que os meus chefes falassem mal de mim. Não queria pagar o mal que haviam feito, com um mal maior, ainda...

— Uma cousa eu lhe digo: jamais representei, em minha vida, como durante a confecção desse film que foi a maior magoa de minha vida. Foi, ainda, a primeira vez em minha vida que me contive e não fui impetuosa, como sempre. Eu parava para pensar minhas respostas e media minhas palavras, meticulosamente.

Justamente quando tomava essas lições profissionaes, Sue tambem as recebia na sua vida privada. O seu casamento, com Nick Stuart, nada mais fora, mesmo, do que um dos seus communs impulsos de genio. E, assim, sem nada mais haver calculado, casou-se com Nick Stuart. Haviam razões, que ella sabia, perfeitamente, quaes eram, que a impediam de se casar. Ella temia que seu casamento, antes de mais nada, obstruisse sua carreira. Foi quando suggeriram um casamento "secreto", cheio de emoção e, por isso, mais do que por outra cousa. Sue casou-se.

— Eu não me sentia bem, fingindo que não era casada, sendo. Mas agora é que eu comprehendo que, verdadeiramente, o meu casamento foi uma mentira! Nunca passou disso!

O pessoal começou a desconfiar. E foi ahi que ella annunciou, para illudir, o seu noivado com o homem que já era seu marido, afinal de contas...

Foi uma situação terrivel. "Uma mentira traz outra", diz o dictado e, realmente, era assim que ella passou a viver. Sustentando uma mentira com outra e procurando a todos illudir, quando todos já se mostravam suspeitos de coisas peores.

Foi ahi, justamente, que Hollywood começou a falar que Sue Carol era muito vista na companhia de George O'Brien e, depois, na de Walter Ramsey, um escriptor, de Hollywood. Dansavam no Roosevelt e, depois, procuravam toda a sorte de diversões. Começaram novos rumores e Sue, que fazia aquillo para desviar attenções do "seu caso", mais ainda complicava a situação...

E, ao mesmo tempo que ella conprehendia que não podia mais ser o joguete da Fox, comprehendia, tambem, que não mais podia continuar occultando o segredo de Hollywood, inteirinha.

— Eu preciso, agora, começar uma nova vida, totalmente differente!

E começou, mesmo, com uma vingança. Passa, todos os dias, algumas roras, em companhia de Helen Ware, que a R K O designou para aperfeiçoar sua voz. Está, além disso, estudando canto, dansa e mais cousas que o Cinema falado exige de uma artista.

Ella e seu marido Nick, que, afinal, tudo faz para alegrar, mormente agora, que todos já sabem que são realmente casados, compraram uma nova casa, estylo francez, em Hollywood, proximo ao Studio em que ella trabalha. E, na remodelação desse lar acham-se tão entretidos, presentemente, que nem siquer têm muito tempo para se lembrarem das infelicidades que soffreram, ha pouco tempo, em suas respectivas carreiras.

Outra cousa que estão levando muito a serio, é a economia. Vivem com pouco mais da metade dos respectivos ordenados e, assim, economisam uma grande porção para prevenir invernos possiveis e prolongados...

As ultimas palavras que Sue Carol nos disse, foram estas:

— Imagine só que a R K O manda-me, diariamente, historias para eu ler e ver se gosto para fazerem, dellas, meus proximos films. Eu jamais tive esse praser, em minha vida! E, bem por isso, farei até o impossivel para alegrar aos meus chefes que, até agora, ao menos, têm sido mais attenciosos e mais delicados commigo.

A Vida de Maurice Chevalier

(FIM)

tro, fosse a que horas fosse, e pedia-lhe, acariciando-o, que lhe contasse o que havia succedido, durante o mesmo. Ficavam conversando, sempre, horas e horas. E, longos e longos annos depois, quando elle já era um dos mais celebres nomes da França, ainda persistia o velho habito daquella mãe amorozissima e daquelle sempre exemplar filho. Uma das cousas que a satisfaziam immenso, tambem, era quando os amigos de Maurice enchiam a casa e tornavam-na immensamente festiva.

Esta Mãe, sabia, dentro de sua humildade, o quanto valiam os successos para aquelle filho e, para sua felicidade, assistiu á toda a sua ascenção ás maiores glorias nos palcos de Paris e, tambem, ouviu o nome de seu filho, em toda a parte, espalhado, divulgado e gritado, como se fosse uma das legitimas glorias Nacionaes que, incontestavelmente, elle é, mesmo.

Ella morreu, faltando-lhe com o arrimo da sua confiança, justamente quando "Maurice" fazia "Innocentes de Paris" em Hollywood. O seu primeiro film americano. Foi uma perda irreparavel, para elle.

— Até hoje eu lastimo que ella não viva para poder presenciar tudo quanto de bom me está acontecendo, hoje.

Disse-me elle, quando conversavamos.

O segundo thesouro de Maurice Chevalier, era um sonho. Um sonho que jamais o abandonou e que revivia com maior intensidade, sempre, principalmente aos domingos á noite, quando elle, sua mãe e seu irmão iam ao "music hall" do suburbio que habitavam. Elle contava os dias, até domingo, como um esculptor espera, ansioso, o instante de ter o barro preciso nas mãos, para iniciar a sua grande obra. Aquelle domingo e aquelle "music hall" tornavam-se verdadeiras aventuras para elle.

Aquelle palco, sujo, pouco decente, era, para Maurice, tudo, na vida. Elle se sonhava artista. Elle queria representar. Sentia necessidade de estar lá, para ouvir. Porque sentia que elle, em breve, seria tambem ouvido. Fosse aonde fosse e custasse o quanto custasse. Os acrobatas mediocres e os cantores de ultima cathegoria, que ali iam parar por acaso, para elle eram deuses admiraveis, que elle contemplava extasiado. Nada era de admirar, portanto, quando, no dia seguinte, commettia um grave erro, como aprendiz de carpinteiro e era despachado para outra secção. Aquillo tudo que gyrava ao redor delle, não tinha, para elle, o menor valor. Elle nem via carpintaria e nem carpinteiros. Apenas sonhava com o seu ideal. E, delle, queria fazer tudo, na vida.

Um dia, depois de muito considerar e reflectir, procurou seu irmão e lhe propoz, ambos, organizarem um numero de variedades que seria, no caso, uma dupla acrobatica. O custo maior foi convencer seu irmão. Mas, assim que elle acceitou, tudo se assentou, rapidamente. Resolveram dar, á dupla, o nome de CHEVALIER BROS, porque, naquella época, os melhores athletas eram inglezes e o "Bros", elle sempre via em seguida aos nomes de dois cavalheiros inglezes que eram athletas ou cantores ou qualquer cousa semelhante. Não ha duvida alguma. Chevalier tornou-se acrobata. E, com o mesmo ardor e affeição, com que, hoje, canta suas canções e representa seus papeis. E tão ardente andou nos ensaios, que, em um dos saltos, deu um terrivel máo geito na perna o que o forçou, antes de mais nada, a ficar uma semana de cama, sem siquer se poder mover... Madame Chevalier, que, ás escondidas, andava observando os "ensaios" da dupla, aborreceu-se. Mas, afinal, as desculpas de Maurice a tranquillizaram.

— Desculpa, mamãe! Foi um pequeno accidente, apenas. Até mesmo os grandes acrabatas soffrem pequenos accidentes, mamãe! Mas eu lhe garanto que nada mais succederá, vae ver!

Da segunda vez, de facto, não succedeu nada daquillo. Em vez delle cahir em cima de uma perna, num ensaio, cahiu foi com a cara em pleno chão, quasi se espatifando todo. E a severidade de Chevalier, nesse instante, foi o sufficiente para elle comprehender, que, de facto, estava encerrada a sua carreira de acrobata...

Maurice, no emtanto, não perdeu tempo em se lamentar. Se, por um lado, estava fechado o seu caminho. Haveria outro que estivesse aberto, com certeza.

Foi por isso, que, na noite de domingo, quando foram ao "music hall", como de costume, as suas attenções mudaram, dos acrobatas, para o cantor. Apreciou-o, quasi absorvendo-o, nas suas canções e nas suas maneiras de cantar. E, aquella noite, mesmo, quando voltou para casa, immitou tudo aquillo que elle fez e repetiu as canções que ouviu, direitinho, apenas para a sua assistencia de dois...

Depois disso, elle se achou perfeitamente apto a se apresentar num dos espectaculos de sabbado, proprios para a exhibição de amadores. Vestiu umas calças duas vezes maiores do que elle. Poz alvaiade no rosto, deixando-o apalhaçado e pintou o nariz de vermelho e puchou o bonet para o lado, em attitude sinistra. E, com o coração aos pulos e o olhar em chammas, atirou-se para diante daquella platéa.

O publico, quando o viu, riu e applaudiu, enthusiasticamente. Era um meninote, apenas e, afinal, a sua caracterização estava engraçada, mesmo. Elle ficou enthusiasmado com os applausos. Curvou-se diante de todos. Na mesma maneira em que se curvaria, annos depois, diante das grandes platéas de Paris. E os applausos, com este seu gesto expontaneo, augmentaram. Ainda sorrindo, entrou elle pela primeira canção. Era uma canção maliciosa e, na qual, os versos

(Temina no proximo numero)

Na versão falada de "O Gato e o Canario", que Rupert Julian está preparando, para a Universal, Lawrence Grant tomará o papel que, na silenciosa, teve Jean Hersholt.

* * *

Ao lado de J. Harold Murray, em "Stolen Thunders", figurará Jeanette Mac Donald que, para tal fim, foi emprestada pela Paramount á Fox.

* * *

Lawrence Tibbette e Grace Moore, ao que parece, não mais apparecerão juntos em "New Moon". Dizem que ambos não se conformam em trabalhar juntos e, assim, juntos *encantarem* os ouvidos do publico com seus agudos formidaveis. E, assim, segundo parece, Evelyn Herbert será a heroina de Tibbett. Mas vocês conhecem essa Herbert, conhecem?

Novidade

SÃ MATERNIDADE

CONSELHOS E SUGGESTÕES PARA FUTURAS MÃES

(*Premio Mme. Durocher, da Academia Nacional de Medicina*)

— Do Prof. —

DR. ARNALDO DE MORAES

Preço: 10$000

LIVRARIA PIMENTA DE MELLO & C.

RUA SACHET, 34 — RIO.

Ismael A. Muniz Freire

Partos, molestias das senhoras e vias urinarias.

Residencia: 73, Xavier da Silveira — Tel. Ipanema, 1171. Consultorio: Travessa do Ouvidor, 39 — 3º — Tel. Central, 4966. Das 4 ás 7, diariamente.

PARA:

Amenorrhéa (Falta de fluxo).
Dysmenorrhéa (Fluxo com dôr).
Menorrhagia (Fluxo excessivo).
Edade Critica (Terminação do fluxo).
Leucorrhéa (Flores brancas).
Debilidade Nervosa, quando causada pelo máo funccionamento organico da mulher.

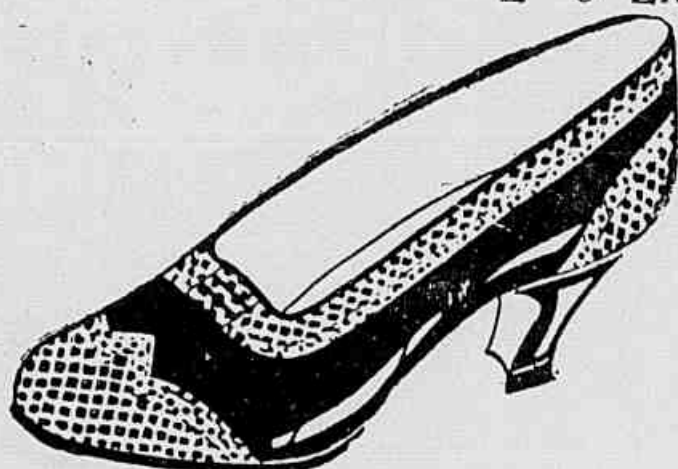
Indicam-se com excellentes resultados.

Unicos depositarios:

SOCIEDADE ANONYMA LAMEIRO — Rio de Janeiro

CASA GUIOMAR

CALÇADO "DADO" — A MAIS BARATEIRA DO BRASIL

E' O EXPOENTE MAXIMO DOS PREÇOS MINIMOS

ULTIMAS NOVIDADES

32$ Fina pellica envernizada, preta, guarnições de couro de cobra estampado, Luiz XV, cubano médio.

35$ Em naco branco lavavel com vistas de bezerro amarello, Luiz XV, cubano médio.

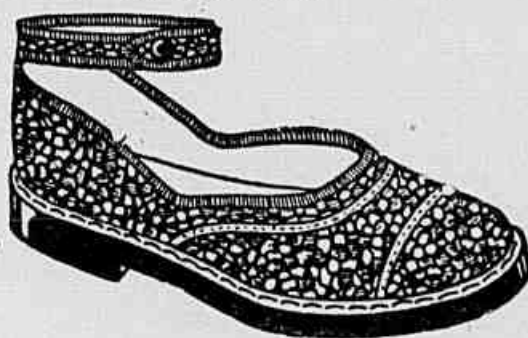
34$ Linda pellica envernizada preta, com fina combinação de pellica branca, serrilhada, Luiz XV, cubano alto.

38$ O mesmo modelo em fino naco beige lavavel e guarnições de couro de cobra, serrilhado, estampado, Luiz XV, cubano alto.

32$ Fina pellica envernizada preta com fivella de metal. Salto Luiz XV, cubano médio.

42$ Em fina camurça preta.

30$ Em camurça ou naco branco, guarnições de chromo côr de vinho, salto Cavalier mexicano. Rigor da moda.

30$ O mesmo feitio em naco beige, lavavel, guarnições marron tambem mexicano.

A ULTIMA

Lindas alpercatas em superior velludo fantasia com lindos frisos em retroz vermelho, todas forradas caprichosamente confeccionadas e de fina qualidade de lindo effeito e exclusivas da Casa Guiomar.

De numeros 17 a 26. . . . . 10$000
" " 27 a 32. . . . . 12$000
" " 33 a 40. . . . . 14$000

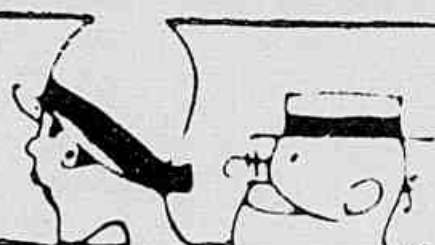
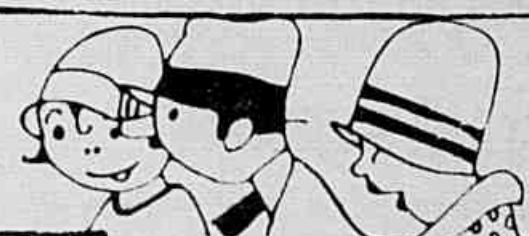
Porte 1$500 por par.

RIGOR DA MODA

30$ Lindos e modernissimos sapatos em fina pellica envernizada preta com lindo debrum de couro magis-preto e tambem com debrum cinza e lindo laço, tambem debruado, proprios para mocinhas por ser salto mexicano.

De numeros 32 a 40.

O mesmo modelo e tambem com o mesmo salto, porém, em pellica de cores beige ou marron, mais 2$000.

Pedidos a *Julio de Souza* — Avenida Passos, 120 — Rio. — Telephone 4-4424

LEITURA PARA TODOS **informa mensalmente, com lindas illustrações, os principaes acontecimentos mundiaes.**

Cinearte

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga.

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$;— Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes 40$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO—Travessa do Ouvidor, 21. Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: 2-0518. Escriptorio: 2-1037. Officinas: 8-6247

EM S. PAULO:

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Representante em Hollywood:
L. S. MARINHO

Amor de Athleta

(FIM)

era do que um plano de Gentry, de accordo com Wallace".

Rapido, procura a todos e os encontra no hotel da localidade, juntos, rindo, bebendo e jogando, esperando, satisfeitos, o dia seguinte...

— Gentry, eu vou ganhar a corrida! Vou correr para ganhar! Já sei do plano que vocês têm e, depois que ganhar, podem contar com cadeia, meus bons amigos!

Aquillo, dito assim sem mais aquella, alarmou a todos. Ergueram-se, como que impellidos por uma molla e, num salto, Mc Ghan apanhava Lou pelo paletot.

— E eu lhe digo que se você se intrometter entre mim e a victoria, Lou, arrebento-te ao encontro da primeira curva.

— Isto é o que veremos, meus amigos!

E, deixando a todos atonitos, impelliu Mc Ghan, com um murro, para o lado de seus companheiros e, rapido, deixou a sala.

* * *

No dia seguinte, a corrida tem logar. Alinhados os carros, sáem. E, emquanto a assistencia torce, desenfreada, principalmente os que haviam apostado por Lou, trava-se, entre este e Mc Ghan, uma luta medonha.

Ao cabo da penultima curva, Mc Ghan, vendo Lou como **leader** da corrida, precipita-se sobre elle. Mas Lou, esperando tudo do seu desleal adversario, desvia um milimetro de direcção e, assim, escapa illeso do ataque cerrado que lhe faz Mc Ghan.

E, assim, pela ultima curva toda, os ataques de Mc Ghan se revezam. Tornam-se terriveis, mesmo e violentos. Mas, á todos elles, com uma dextreza impossivel, quasi, Lou responde com firmeza e, com os applausos delirantes de todo aquelle povo, attinge a méta da victoria.

Assim que seu carro encostou, Lou saltou. Sem ver ninguem e a ninguem ouvir, agarrou Mc Ghan que parava a distancia e, antes que elle dissesse qualquer cousa, arrumou tremendo murro que o poz desacordado. E, depois, num salto, apanhou Wallace e Gentry e, batendo-os, trouxe-os para as mãos das autoridades, ás quaes deu parte dos planos deshonestos de ambos.

E emquanto o publico mais ainda applaudia seu feito e a policia levava, juntinhos, Mc Ghan, Gentry e Wallace, seus labios, ainda sujos de poeira e oleo, cáem, inertes, sobre os macios e soffregos de Ruth, que os esperavam, anciosos, para lhes demonstrarem a ardencia do seu affecto eterno.

De Hollywood para você...

(FIM)

Dizem, muitos dos entendidos e, tambem, dos Cinematographistas de real valôr, que a volta do film absolutamente silencioso apenas depende de mezes. Porque, affirmam elles, a industria do film falado já deu o que tinha que dar. E viu, realmente, que o publico prefere o bom theatro ou o Cinema silencioso genuino, ao film falado. Que não é theatro e nem Cinema e, sim, um **cocktail** de ambos, muito mal preparado...

* * *

A confecção de films especialmente neste idioma ou naquelle, não tem trazido compensação alguma ás fabricas que os têm feito. O mercado hespanhol, depois do americano, ficou sendo o melhor, hoje em dia. Porque, sem duvida, é muito maior a parte do mundo que fala hespanhol do que a restante.

* * *

A RKO, pensando errado, pensou resolver este problema pela mesma fórma com que apresentou **Rio Rita** Conservando todo elenco americano, mesmo e, em cima dos movimentos labiaes do artistas do elenco original, imprimirem, então, os dialogos em hespanhol. Mas é um systema, que, sem duvida, não dará o melhor resultado.

* * *

Sabe-se aqui, de fonte limpa, que os americanos não pensam em fazer films em Brasileiro, porque sabem que o Brasil recebe qualquer sorte de films. Sejam elles em inglez, francez, hespanhol ou allemão. E, assim, não acham que perderão grande cousa em não fazer em Brasileiro para ser para ahi remettido. Acham que fazer com elencos especiaes e especialmente para o Brasil é gastar dinheiro atôa. Em parte, no emtanto, é razoavel. Porque, francamente, é melhor assistir-se um film falado todo em inglez, com artistas conhecidos, do que assistir-se á uma versão Brasileira, feita em Paris, com artista de theatro portuguez e todos já muito além dos 40 annos... Não é?...

* * *

Os paes, em Hollywood, andam de sorte. Ha uma lei aqui, agora, que só permitte, ás crianças de 1 a 30 dias de idade, filmarem 20 minutos por dia e, assim mesmo, com os maiores cuidados. As fabricas, por sua vez, são obrigadas a pagar 125 dollares por esses mesmos 20 minutos. E, ainda, têm que manter, ao lado da criança, um medico, uma enfermeira e os respectivos paes. Que tal?

* * *

Quando morreu o primeiro marido, Lina Basquette ficou com a filhinha. A familia do pae, isto é, os Warner, da Warner Bros, aos quaes todos nós devemos o Cinema falado... andou querendo tirar a pequena á Lina. Esta porém, reagiu e casou-se, tempos depois, com Peverell Marley, operador chefe de Cecil B. De Mille. Mas a luta persistiu até que ella comprehendesse, finalmente, que o obstaculo entre ella e sua filhinha era o marido, mesmo. Separou-se delle, pensando assim, voltar á felicidade que lhe fôra roubada. Mas, apesar de separada do marido, não teve o consolo de ter sua filhinha consigo. Porque o juiz deu á mesma aos cuidados do marido. Desesperada, Lina Basquette, depois de uma festa tremenda, em seu appartamento, ingeriu veneno. Felizmente não morreu. E, dizem todos, agora, que Peverell voltará ás bôas com ella, levando-lhe a filhinha tambem.

São pequeninos dramas de Hollywood, na interpretação dos quaes não se empregam os recursos habituaes e nem, tampouco, technica moderna ou maquillagens complicadas...

* * *

Uma das sensações de Hollywood, tambem, foi a mulher de Roy D'Arcy, ex-esposa do Carlito, por sua vez, que ha dias, esteve presa, por excesso de velocidade e não encontrou uma só alma caridosa que lhe pagasse a multa para deixal-a livre...

Ou teria sido o D'Arcy que aproveitou a circumstancia para umas férias conjugaes?...

Offs. Gphs d'O MALHO